



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO (PPGEn)
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CIÊNCIAS, LINGUAGENS, TECNOLOGIAS E
CULTURA

VANIZE MENEGETTI

DIFICULDADES RELATADAS POR PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL

FOZ DO IGUAÇU, 2016

VANIZE MENEGETTI

**DIFICULDADES RELATADAS POR PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Nível Mestrado, da UNIOESTE.

Orientadora: Dra. Cynthia Borges de Moura.

FOZ DO IGUAÇU, 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

M541 Meneghetti, Vanize

Dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na
implementação de ações de educação sexual / Vanize Meneghetti.--
Foz do Iguaçu, 2016.

81 f.: il. : tab. : gráf.

Orientadora: Profª. Drª. Cynthia Borges de Moura.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino -
Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Educação sexual. 2. Crianças e sexo. 3 Ensino fundamental. 4.
Saúde coletiva. I. Título.

CDU 372.861.388
613.88



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

PPGEn – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO - MESTRADO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos catorze dias do mês de Março do ano de dois mil e dezesseis, no “Bloco F – Sala 1”, dependências da Unioeste – *Campus* de Foz do Iguaçu, com início às nove horas, submeteu-se à Defesa de Dissertação de Mestrado a aluna **VANIZE MENEGHETTI**, sob orientação da Professora Doutora **Cynthia Borges de Moura**, com a Dissertação: **“Dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação de ações de Educação Sexual.”**. A Banca Examinadora esteve composta pelos docentes: Prof.^a Dr.^a Cynthia Borges de Moura (Presidente/Orientadora), Prof.^a Dr.^a Adriana Zilly (Membro Titular (1), Prof.^a Dr.^a Renata Grossi (Membro Titular (2)). Encerradas as atividades, a Banca conclui pela **(X) Aprovação** **() Reprovação** da Dissertação submetida à Defesa, emitindo o seguinte Parecer circunstanciado:

aprovado mediante realização das alterações propostas pela banca.

Assinaturas:

Presidente/Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cynthia Borges de Moura *C Moura*

Membro (1): Prof.^a Dr.^a Adriana Zilly *Adriana*

Membro (2): Prof.^a Dr.^a Renata Grossi *Renata Grossi*

Mestranda: Vanize Meneghetti *Vanize Meneghetti*

Colegiado do Programa (Homologação)

Ata nº **03**, de **28/04/2016**.

Coordenador(a):

C Moura

Assinatura



AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DO MATERIAL EM PDF

Eu, VANIZE MENEGHETTI, autorizo a reprodução em PDF, no site da universidade, da dissertação do mestrado intitulada DIFICULDADES RELATADAS POR PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL, apresentada ao Programa de Mestrado em Ensino da UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu.

Nome: Vanize Meneghetti

Foz do Iguaçu, 14 de Maio de 2016.

Dedico esse trabalho à minha mãe
Jandira Joana Meneghetti.
Obrigada pelo amor e apoio nos dias
difíceis.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proteger e me guiar nos momentos de dificuldades.

À minha família, meu pai Nerci José Meneghetti, minha mãe Jandira Joana Meneghetti, meus irmãos Rogério Meneghetti e Breno Meneghetti, pelo amor, carinho, compreensão e por não permitirem que eu desistisse dos meus sonhos.

Aos meus queridos amigos, Fabiana Dias, Jéssica Cavagnolli e Leonardo Silva, Ingrid Franklin Medeiros, pela amizade e companheirismo, pelo apoio nos momentos difíceis, pelo incentivo nos momentos de desmotivação e por tornarem essa jornada mais prazerosa. Muito obrigada por fazerem parte da minha vida.

À professora Cynthia Borges de Moura pela paciência, pelo apoio, pelo incentivo e pela compreensão durante a realização desse trabalho. Muito obrigada.

À todos que de algum modo contribuíram para a realização desse trabalho.

“Não confunda derrotas com fracasso nem vitórias com sucesso. Na vida de um campeão sempre haverá algumas derrotas, assim como na vida de um perdedor sempre haverá vitórias. A diferença é que, enquanto os campeões crescem nas derrotas, os perdedores se acomodam nas vitórias. ”

Roberto Shinyashiki

LISTA DE ABREVIATURAS

DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
OMS	Organização Mundial da Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PSE	Programa de Saúde na Escola
E.M.	Escola Municipal

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Porcentagem das respostas dos professores referente à autoavaliação quanto a informação em educação sexual que acreditam possuir para ensinar e orientar os seus alunos (n=80).....	40
Gráfico 2	Porcentagem das respostas dos professores quanto ao ano de início da educação sexual na escola (n=72).....	41
Gráfico 3	Média da pontuação dos professores em relação à crença nas afirmações quanto aos resultados da educação sexual no ambiente escolar (n=81).....	42
Gráfico 4	Média de pontuação quanto à frequência de atitudes e atividades que os professores realizam referentes ao desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar.....	43
Gráfico 5a	Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.....	45
Gráfico 5b	Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.....	46
Gráfico 5c	Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.....	47
Gráfico 5d	Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.....	48
Gráfico 6	Porcentagem de respostas quanto às dificuldades enfrentadas na implementação das ações de educação sexual (n=81).....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Caracterização dos professores participantes distribuídos por idade, sexo, titulação acadêmica, tempo de magistério, tempo de magistério no 5º ano, presença da educação sexual como conteúdo na graduação e formação/capacitação em educação sexual.....	34
Tabela 2	Caracterização dos alunos alvo das ações de educação sexual distribuídos por idade e sexo.....	35

RESUMO

MENEGHETTI, V. **Dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação de ações de educação sexual.** 81 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016.

A educação sexual está inclusa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) o qual propõe que ao ministrar-se a educação sexual se busque informar e problematizar as questões referentes à sexualidade a partir da vivência, das crenças e dos valores do educando, com o objetivo de ampliar informações e levantar questionamentos sobre as escolhas mais adequadas. Para alcançar esse objetivo, é necessário que o professor esteja preparado para abordar esse assunto com os seus alunos. Diante do exposto, o objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento a respeito das crenças, atitudes e dificuldades dos professores do 5º ano do Ensino Fundamental I de escolas municipais de Foz do Iguaçu frente ao início da abordagem da educação sexual na escola, através da aplicação de um questionário semiestruturado a 81 professores de 50 escolas. Os resultados demonstraram que a maioria dos professores acreditam ser “boa” as informações que possuem sobre sexualidade e acreditam que a educação sexual na escola produz mudanças positivas nas atitudes dos alunos. As atividades que realizavam com maior frequência em sala de aula são fazer com que os alunos vissem a sexualidade como algo natural, e ler livros, revistas para aumentar o seu conhecimento sobre sexualidade. Quanto às dificuldades nas ações de educação sexual no 5º ano, os professores sentem maior capacidade e conforto na abordagem de assuntos relacionados aos aspectos biológicos da educação sexual. Sendo os assuntos: "sexo oral", "sexo anal", "masturbação", "prazer sexual e orgasmo" os citados pelos professores como menos importantes, que se sentem menos capazes de abordar e os que geram maior desconforto ao ministrar em sala de aula. Os educadores também apontaram como os maiores desafios enfrentados a falta de material adequado, a insegurança diante os alunos e o despreparo na abordagem da temática.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Escola, Saúde Coletiva.

ABSTRACT

MENEGHETTI, V. **Difficulties related for teachers of primary school on introducing sex education.** 81 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016.

The sex education is included in the National Curriculum Parameters (PCN) issued by the Ministry of Education and Culture which proposes that while teaching sex education seeks to inform and discuss the sexuality-related issues from the experience, beliefs and student values, with the aim of expanding information and raise questions about the most appropriate choices. To achieve this goal, it is necessary that the teacher be prepared to address this issue with their students. Given the above, the objective of this study was to conduct a survey about the beliefs, attitudes and difficulties of teachers of the 5th year of elementary school of public schools front of the beginning of approach to sexual education at school. To evaluate their actions on this subject we applied a questionnaire to 81 teachers of municipal schools in Foz do Iguaçu. The results showed most teachers believe to be "good" with the information they have about sexuality and believe that sex education in school produces positive changes in attitudes. The activities performed more frequently in the classroom are to make students saw sexuality as something natural, read books, magazines to increase their knowledge about sexuality. Regarding the difficulties teachers feel increased capacity and comfort in the questions related to the biological aspects of sex education, and the issue "oral sex", "anal sex", "masturbation" and "sexual pleasure and orgasm" cited by teachers as less important, they feel less able to address and generating greater discomfort to teach in the classroom. The teachers also pointed out as the biggest challenges facing the lack of suitable material, insecurity on the students and the lack of preparation in the thematic approach.

Keys-words: Health Education, School, Collective Health.

RESUMEN

MENEGHETTI, V. **Dificultades reportadas por profesores de la escuela primaria en la implementación de educación sexual.** 81 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016.

La educación sexual se incluye en los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN) emitidos por el Ministerio de Educación y Cultura (MEC), que propone renunciar a la educación sexual que se busca informar y discutir los temas de la sexualidad de la experiencia, creencias y los valores de los estudiantes, con el objetivo de ampliar la información y plantear cuestiones acerca de las opciones más apropiadas. Para lograr este objetivo, es necesario que el maestro esté preparado para abordar este tema con sus alumnos. Teniendo en cuenta lo anterior, el objetivo de este estudio fue examinar acerca de las creencias, las actitudes y las dificultades de los maestros del quinto año de primaria de las escuelas públicas en Foz de Iguaçu frente del principio de enfoque de la educación sexual en la escuela a través de la aplicación un cuestionario semiestructurado a 81 profesores de 50 escuelas. Los resultados mostraron que la mayoría de los profesores creen que es "bueno" para la información que tienen sobre la sexualidad y creen que la educación sexual en la escuela produce cambios positivos en las actitudes de los estudiantes. Las actividades que se realizan con mayor frecuencia en el aula son para que los estudiantes vieron la sexualidad como algo natural, y leer libros, revistas para aumentar sus conocimientos sobre la sexualidad. En cuanto a las dificultades en las actividades de educación sexual en el quinto grado, los maestros se sienten mayor capacidad y comodidad para abordar los asuntos relacionados con los aspectos biológicos de la educación sexual. temas que son: "sexo oral", "sexo anal", "la masturbación", "sexo y el placer del orgasmo" los citados por los docentes como menos importantes, que son menos capaces de abordar y generar una mayor incomodidad para servir en la habitación clase. Los educadores también señalados como los mayores desafíos que enfrenta la falta de material adecuado, la inseguridad en los estudiantes y la falta de preparación en el enfoque temático.

Palabras clave: Educación para la salud, Escuela, Salud pública.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 Adolescência e sexualidade	19
2.2 A educação sexual na escola	22
2.3 Os professores e a educação sexual	25
2.4 Estudos sobre as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual	28
3 OBJETIVO	33
4 MATERIAL E MÉTODO	34
4.1 Participantes	34
4.2 Locais de Realização da Pesquisa	36
4.3 Instrumentos	37
4.3.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	37
4.3.2 Instrumento de Coleta de Dados	38
4.4 Procedimento	38
5 RESULTADOS	40
5.1 Crenças: o que pensam os professores sobre a Educação Sexual na escola?	40
5.2 Atitudes: O que fazem na prática os professores quando trabalham com Educação Sexual na escola?	43
5.3 Dificuldades: Quais os desafios pessoais e profissionais da Orientação Sexual na escola?	44
6 DISCUSSÃO	51
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
8 REFERÊNCIAS	61
9 APÊNDICES	67
9.1 Tabela de trabalhos que abordam as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual na escola, separada por autor e ano, título, objetivos, participantes do estudo, instrumentos de coleta de dados e principais resultados.	67
9.2 Termo De Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	75

9.3 Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo	76
9.4 Questionário de coleta de dados sobre educação sexual	77
10 ANEXOS	81
10.1 Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - CEP/Unioeste	81

1 INTRODUÇÃO

A puberdade marca o início da adolescência, que é a fase de transição entre a infância e a vida adulta (VELHO, QUINTANA e ROSSI, 2014). Este período tem início por volta dos 10/11 anos, e é caracterizado por mudanças anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, início da maturação sexual e descoberta da sexualidade, que vem acompanhada de muitas dúvidas, preocupações e curiosidades (ALENCAR *et al*, 2008; PELLOSO, CARVALHO e HIGARASHI, 2008; VELHO, QUINTANA e ROSSI, 2014).

A estimulação precoce a qual crianças e adolescentes estão expostos pela mídia, que propaga o sexo e o erotismo, favorecem e a curiosidade sexual, a busca de informações sobre sexualidade, e a prática de experiências sexuais (MANTOVANI *et al*, 2014). Isso exige cuidados por parte de pais e profissionais devido às vulnerabilidades relacionadas à precocidade da iniciação sexual, que expõem os adolescentes a riscos, como as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez indesejada, e os desajustes emocionais decorrentes. Desse modo, é importante orientar os adolescentes, incentivando-os a refletir e a utilizar seus conhecimentos para sua proteção (JARDIM e BRÊTAS, 2006).

Neste sentido, a escola configura-se como um contexto privilegiado tanto para intervenção sobre a sexualidade na puberdade e na adolescência, quanto para implementação de estratégias que promovam a saúde dos alunos. A escola deve proporcionar uma metodologia de ensino que não traga respostas prontas, mas que levante questionamentos e amplie as informações sobre a sexualidade, para que os adolescentes possam avaliar e refletir sobre as suas escolhas e optar pelas mais saudáveis (SAITO e LEAL, 2000; ALTMANN, 2003; JARDIM e BRÊTAS, 2006).

O primeiro momento na trajetória escolar das crianças em que a educação sexual ocorre formalmente é no Ensino Fundamental I, onde os livros didáticos trazem essa temática como conteúdo curricular do quinto ano (NIGRO e CAMPOS, 2011). Geralmente nesta série aborda-se a constituição dos sistemas reprodutores masculino e feminino, adolescência e as modificações do corpo que ocorrem em meninos e meninas na puberdade, concepção e gravidez, e algumas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Provavelmente este conteúdo é inserido nesta série devido os alunos estarem entrando na puberdade, e conseqüentemente, estão cheios de dúvidas, curiosidades e ansiedades quanto a sexualidade.

É certo que durante as aulas surjam perguntas que fogem do conteúdo programático. Por isso, é importante que o professor esteja preparado para ampliar suas explicações, e não reduza a educação sexual à mera compreensão do funcionamento biológico (JARDIM e BRÊTAS, 2006; SILVA e MEGID NETO; 2006; AQUINO e MARTELLI, 2012; MANTOVANI *et al*, 2014). Deriva-se desta afirmação que, provavelmente, esta não seja uma tarefa suave e tranquila para os professores em geral.

Justamente em função de dificuldades encontradas, em 2011 duas escolas do município de Foz do Iguaçu realizaram convite ao curso de Enfermagem da Unioeste para abordar esse assunto em sala de aula com os alunos do 5º ano. As escolas argumentavam que profissionais, ou mesmo discentes da área da saúde, estariam em melhores condições para responder “certas” perguntas dos alunos. Assim, surgiu o interesse em pesquisar esse assunto, com vistas a produzir conhecimento que auxiliasse os professores de ensino fundamental nesta tarefa.

O primeiro trabalho proposto neste sentido foi realizado por Dreyer (2014), que realizou um levantamento a respeito das ações e das dificuldades metodológicas encontradas pelos professores na implementação de ações de educação sexual com crianças do 5º ano, através de questionário aplicado a 84 professores de 48 escolas municipais de Foz do Iguaçu. Os resultados apontaram que os professores consideram como o maior desafio do trabalho de educação sexual na escola, a ausência de orientação ou o excesso de permissividade das famílias quanto à sexualidade dos filhos. Os temas apontados como mais difíceis de serem trabalhados em sala de aula foram a homossexualidade e a masturbação. Quanto aos comportamentos e questionamentos dos alunos, os professores sentiam maior dificuldade em lidar ou responder sobre o ato sexual, camisinha, gravidez e aborto.

Os resultados deste estudo levaram a novos questionamentos, como a identificação dos desafios pessoais e as atitudes dos professores durante o desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar. Desse modo, essas indagações resultaram na proposta da presente pesquisa, que teve a finalidade de realizar um levantamento das crenças, atitudes e dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual para alunos do 5º ano do ensino fundamental de escolas municipais de Foz do Iguaçu/PR, para futuramente propor um programa de capacitação nesta área, estabelecendo a parceria entre Universidade e Secretaria Municipal de Educação.

Cabe aqui ainda, uma consideração. Há uma controvérsia atual em relação à terminologia adequada a faixa etária que abordamos neste estudo. Indivíduos aos 10/11 anos podem ser considerados crianças, por um ponto de vista, ou pré-adolescentes por outro, como será discutido no próximo tópico. No entanto, para fins de padronização, definiu-se neste trabalho utilizar o termo “adolescente” para se referir também aos pré-adolescentes e à aprendizagem que ocorre nessa fase e que se estende à adolescência subsequente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Adolescência e sexualidade

A adolescência é o período de mudanças anatômicas e fisiológicas, que marcam o início da maturação sexual, psicológica e social que culminam também na descoberta da própria sexualidade e a do outro. Esse período caracteriza a transição entre a infância e a idade adulta (SILVA e TONETE, 2006; ALENCAR *et al*, 2008; PELLOSO, CARVALHO e HIGARASHI, 2008; SCHOEN-FERREIRA e AZNAR-FARIAS, 2010; TAVEIRA *et al*, 2011; GUANABENS *et al*, 2012; VELHO, QUINTANA E ROSSI, 2014).

A adolescência é caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1986) por meio do critério cronológico, de 10 a 19 anos, e dividida em três fases: inicial ou pré-adolescência (dez a quatorze anos), média (quinze a dezesseis anos) e tardia (dezessete a dezenove anos) (EISENSTEIN, 2005). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) define a adolescência por parâmetros políticos e considera adolescente o indivíduo entre os doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990; EISENSTEIN, 2005).

Essa fase é caracterizada por dúvidas, angústias e questionamentos, onde o indivíduo começa a definir sua vida, sua profissão e sua sexualidade, incluindo aqui a identidade de gênero (PELLOSO, CARVALHO e HIGARASHI, 2008).

Segundo Osório (1992, apud TORCATO, NOVAES e PARRA, 2008), “a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como um elemento estruturador da identidade do adolescente”.

Para Pelloso, Carvalho e Higarashi (2008), é na adolescência, período em que ocorre o fortalecimento das mudanças, que o indivíduo precisa de informações claras, de apoio e de compreensão, de espaços para questionamentos, reflexões e diálogos. Há também a necessidade de explorar e experimentar não apenas o ambiente em que vivem, mas o próprio corpo e os próprios limites, o que pode tornar o adolescente vulnerável a comportamentos com consequências negativas (BORUCHOVITCH, 1992).

Além das características reprodutivas, a sexualidade tem relação com a busca do prazer, sendo essa uma expressão única do ser humano. Essa busca se manifesta de modo distinto em cada indivíduo conforme as experiências e realidades

vivenciadas por cada um, e na adolescência, é impulsionada pelas alterações fisiológicas decorrentes dessa fase (SILVA, 2013). Assim, para a discussão da sexualidade, é importante a reflexão de que essa não se refere apenas ao contexto biológico da reprodução, envolvendo também sentimentos, emoções e prazeres ligados ao sexo.

O início da atividade sexual ou da exploração da sexualidade nessa fase exige atenção e cuidados por parte de pais e profissionais, devido às vulnerabilidades relacionadas à saúde reprodutiva que expõem os jovens ao risco de doenças sexualmente transmissíveis e de uma gravidez indesejada (ALENCAR *et al*, 2008; GUANABENS *et al*, 2012).

Sob essa perspectiva, a preocupação com a gravidez na adolescência, uma das causas de evasão escolar, e com a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) justificaria por si só ações de educação sexual (SILVA e TONETE, 2006; CHALEM *et al*, 2007; DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007; ALENCAR *et al*, 2008; DIAS e TEIXEIRA, 2010; RAMIRO *et al*, 2011). Mas atualmente a educação sexual precisa ir além e orientar o comportamento sexual dos jovens.

Para Jardim e Brêtas (2006) o diálogo sobre questões referentes à sexualidade é prioritariamente uma competência da família, que, mesmo quando não dialoga abertamente esse assunto, é responsável por ensinar o que considera adequado ou não, através de gestos, expressões, recomendações e proibições. Para Costa *et al.*, (2014), a existência de diálogo aberto, democrático, livre de coerções e de preconceitos é essencial para a redução da vulnerabilidade do adolescente intrínseca à comunicação ineficaz sobre sexualidade. Porém, estes autores constataram em estudo recente que a comunicação sobre sexualidade no âmbito familiar frequentemente está ausente ou é insuficiente.

Holanda *et al.* (2006) em estudo realizado com 68 pais e responsáveis de alunos adolescentes do ensino fundamental II, com idades entre 10 a 15 anos, investigou a compreensão dos pais quanto ao risco de uma infecção por DSTs/Aids em seus filhos adolescentes. Os resultados mostraram que, quanto ao diálogo, 50% dos participantes conversam com seus filhos sobre sexo/sexualidade, 29,94% não conversam sobre essa temática, e 22,05% só conversam quando são abordados. Os autores também questionaram os pais e responsáveis se eles acreditavam que o diálogo sobre sexualidade poderia despertar precocemente a curiosidade ou o desejo sexual em seus filhos: 33,82% dos participantes acreditam que sim, enquanto que

66,17% responderam que não. Apesar de apenas 14,70% dos pais/responsáveis apontarem como maior preocupação em relação aos filhos as DSTs e 5,88% a gravidez precoce, para 80,88% a família é a maior responsável por ensinar formas de prevenção sexual. No entanto, apontaram que "os pais têm conhecimento, mas não sabem como abordar essa questão", "os pais esperam que a escola ensine seus filhos sobre sexo e prevenção" e "os pais não tem conhecimento para falar sobre o assunto" como as maiores dificuldades nesta tarefa.

Segundo Nery *et al.* (2015) a família é o contexto ideal para formação do adolescente, pois é ambiente de aquisição de valores éticos e morais, necessários para viver em sociedade, assim, cabe a ela o papel da educação sexual. No entanto, percebe-se que há dificuldade dos pais em manter o diálogo sobre esse assunto em casa, que geralmente é transferido à escola.

Deve haver o cuidado para que o adolescente não receba uma educação sexual ao acaso, quando, por curiosidade, busca meio não confiáveis para sanar suas dúvidas e anseios (ROCHA, 2012).

Neste contexto, os meios de comunicação (televisão, rádio, internet) também são fontes de informação procurada pelos adolescentes que também exercem influência sobre o seu comportamento, entretanto, a facilidade de acesso às informações não garante que os jovens façam escolhas adequadas (RAMIRO *et al.*, 2011; MAROLA, SANCHES E CARDOSO, 2011). A televisão, como meio de comunicação de massa, investe na transmissão de mensagens compatíveis com as normas vigentes da sociedade, outras vezes impõe estilos de vida, e ainda utiliza profissionais da saúde para darem confiabilidade científica a suas afirmações. Desse modo, a mídia pode exercer funções de esclarecimento, mas por outro lado, também pode influenciar diretamente no comportamento dos adolescentes, muitas vezes, com informações distorcidas sobre a saúde sexual (MIGUEL e TONELI, 2007).

Nesse cenário destaca-se o ambiente escolar como um espaço que promove o conhecimento. No espaço escolar as práticas educativas devem favorecer reflexões e discussões que ampliem o campo de conhecimento sobre sexualidade e as vulnerabilidades dessa fase de vida (SAITO e LEAL, 2000; MARTINS *et al.*, 2011). Tradicionalmente isso deve começar já início da fase púbere, com informações básicas que atendam aos questionamentos típicos dessa idade, tais como, conhecimento sobre hormônios sexuais, cronologia dos eventos puberais (telarca, menarca, gonadarca, pubarca, espermarca), características do aparelho reprodutor

masculino, feminino, ciclo menstrual, fecundação e masturbação (COSTA e SOUZA, 1998; FERREIRA, FÁVERO e DELCAMPO, 2014). A partir desse conhecimento, outras aprendizagens poderão ser construídas e consolidadas.

Em estudo recente, Mantovani *et al.* (2014) analisou as perguntas de 300 pré-adolescentes de 9 a 11 anos, colocadas em "caixinhas de dúvidas" disponíveis antes e após aulas de educação sexual na escola. Dentre o grupo dos pré-adolescentes, os dados mostraram que a gravidez foi o principal assunto de curiosidade. Eles têm mais dúvidas sobre "como" se engravida. A segunda dúvida mais frequente foi em relação às mudanças corporais e anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino; também apresentaram dúvidas sobre menstruação.

Assim, o ambiente escolar é favorável para a educação sexual, pois é um espaço de intervenção pedagógica, propício para a implementação de estratégias e ações que promovam a saúde sexual de seus alunos (ALTMANN, 2003; JARDIM e BRÊTAS, 2006; LEÃO *et al.*, 2010).

Com isso, a inclusão da educação sexual nos currículos escolares se fez necessária e coerente com uma escola que cumpre seu objetivo de formação integral, com vistas à democratização do conhecimento, à diminuição das desigualdades e à promoção da inclusão social (BRASIL, 1994; ALTMANN, 2003; MESQUITA, 2012).

2.2 A educação sexual na escola

Os temas relativos à sexualidade permeiam no ambiente escolar e fazem parte da fala de alunos e professores, de modo direto ou não, das piadas, das brincadeiras, dos grifos nos banheiros e das amizades e namoros que ocorrem na escola (SOUZA, SILVA e SANTOS, 2015).

Assim, a escola configura-se como um espaço privilegiado de mediação sobre as temáticas relativas à sexualidade, porque propicia o acesso a conceitos científicos, oportuniza estratégias de reflexão, e permite ao aluno compreender a sexualidade como fenômeno biopsicossocial, que tem implicações comportamentais, culturais e de identidade pessoal (RAMIRO e MATOS, 2008).

Conceitualmente, a educação sexual é o processo de ensinar para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade, que incluem a dimensão biológica (saúde sexual e reprodutiva), a dimensão sócio-cultural (expressão humana de um bem coletivo, regida pelos valores, normas e crenças de uma população), e a

dimensão psicológica (bem individual a serviço do enriquecimento e crescimento harmonioso do indivíduo) (BRASIL, 1994; MAROLA, SANCHES e CARDOSO, 2011).

No Brasil, durante o período da ditadura militar, houve uma repressão às liberdades democráticas, incluindo a educação sexual, que foi banida das discussões pedagógicas (CÉSAR, 2009; INSTITUTO PROMUNDO, 2011). Conforme César (2009) "[...] as iniciativas que conseguiram resistir e burlar o controle se tornaram experiências de resistência e, nas décadas seguintes, a educação sexual foi tomada como um dos marcos educacionais das lutas pela democratização do país." (p. 41).

Por volta dos anos 70, os movimentos feministas, com as conquistas relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, fortaleceram os debates sobre sexualidade e reprodução, numa aproximação do corpo e promoção da saúde (CÉSAR, 2009; MAROLA, SANCHES e CARDOSO, 2011; INSTITUTO PROMUNDO, 2011).

A partir dos anos 80, a descoberta do vírus HIV, responsável pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), promoveu um grande impacto na educação acarretando em aumento de trabalhos na área de sexo/sexualidade nas escolas (BRASIL, 1997; CÉSAR, 2009; MEIRELES, RAIZER e MARGOTTO, 2011). Desse modo, a escola se tornou o lugar fundamental para a propagação de informações sobre o sexo seguro (CÉSAR, 2009).

O aumento dos casos de gravidez indesejada e de outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) também foram fatores decisivos para a implantação da educação sexual na escola (BRASIL, 1997; CÉSAR, 2009). No entanto, essa educação sexual ainda abordava somente o aspecto biológico da sexualidade, enfatizando os órgãos reprodutores e os meios de prevenção de DSTs e de uma gravidez indesejada (DINIZ e ASINELLI-LUZ, 2007).

Nos anos 90, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, trouxe a proposta de incluir no Projetos Políticos Pedagógicos do ensino fundamental I e II os temas transversais, dentre eles a educação sexual (CHAVEIRO *et al*, 2015; PALMA *et al*, 2015). Os PCNS do ensino médio não apresentam diretrizes específicas para a orientação sexual.

O ensino transversal efetua a articulação das disciplinas como Biologia, História, Matemática, Geografia, entre outras, para abranger questões sociais, como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Esses são

temas vividos no cotidiano pela sociedade, comunidade, família, alunos e professores (BRASIL, 1997). Assim, a transversalidade combina a formação clássica com temas contemporâneos (LEÃO *et al.*, 2010). Essa integração objetiva a formação integral do aluno e amplia as possibilidades de discussão das questões sociais (LEÃO *et al.*, 2010; BARROS e RIBEIRO, 2012).

Os PCNs do ensino fundamental I e II instituíram que a educação sexual deveria ser tratada como Tema Transversal, assim, cada área do conhecimento discute a sexualidade por através de sua própria proposta de trabalho (BRASIL, 1997).

Após os PCNs, o Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI 8.069/90), o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, o Programa Brasil sem Homofobia, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), Caderno Gênero e Diversidade Sexual na Escola e o Programa de Saúde na Escola (PSE) também foram importantes para a consolidação da educação sexual nas escolas brasileiras (MEIRELES, RAIZER e MARGOTTO, 2011; GESSER *et al.* 2012; QUIRINO e ROCHA, 2013; CHAVEIRO *et al.*, 2015).

A educação sexual sugerida pelos PCNs como tema transversal, propõe que a intervenção pedagógica no ensino da educação sexual busque informar e problematizar as questões referentes à sexualidade a partir da vivência, crenças e valores do jovem, com o objetivo de formar os educandos e não somente repassar as informações (BRASIL, 1997; JARDIM e BRÊTAS, 2006; SILVA e MEGID NETO, 2006).

Segundo Pinto (1997, apud Alencar *et al.*, 2008), o ensino para adolescentes deve criar vínculos entre o conteúdo proposto e a vida cotidiana dos mesmos. É importante que as questões abordadas na educação sexual surjam do interesse e do cotidiano dos jovens, a partir do conhecimento que eles possuem sobre o assunto e baseadas nas suas necessidades (SILVA e CARVALHO, 2005; JARDIM e BRÊTAS, 2006; ALENCAR *et al.*, 2008). Assim, as intervenções devem envolver os contextos familiar e social na qual o adolescente está inserido, respeitando e compreendendo suas crenças e valores (ALENCAR *et al.*, 2008).

Em 1987, Nunes já dizia

“Quando se lançou recentemente a questão da necessidade da educação sexual na escola, isto é, de maneira pedagógica e institucional, as reações imediatas logo definiram dois grupos: um mais conservador, lembrando a “responsabilidade” sobre a questão e outro mais liberalizante demonstrando, mais que a necessidade, a urgência da questão. Contudo não se trata de ser contra ou a favor da educação sexual. Isto é desviar a atenção da questão

fundamental - qual o conteúdo de uma “verdadeira” educação sexual? Pois todos nós estamos submetidos a uma educação sexual desde que nascemos, e hoje mais do que nunca. Posicionar-se “contra” uma reflexão sobre a sexualidade é uma atitude que implicitamente reforça a educação tradicional, sistemática, que educa o homem para o poder e o machismo, que engendra os mitos de “inferioridade” da mulher, que estabelece os tabus, proibições e medos sobre o sexo. De certa maneira não se está contra a educação sexual, ela já existe, mas sim contra uma outra expressão sexual que não seja a tradicional, estereotipada, paternalista e primitiva.” (p.14).

Sob esse escopo, Maia e Maia (2005) propõem que a educação sexual na escola deve ser emancipatória, com as seguintes características:

- a) Ser informativa: fornecer informações científicas a respeito da anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores, informar sobre as DSTs, e possibilitar um espaço para o aluno debater seus medos, ansiedades e angústias;
- b) Ser combativa: deve combater o preconceito, a discriminação, a desigualdade, os estereótipos;
- c) Ser reflexiva: deve despertar nos alunos os questionamentos sobre as desigualdades mencionadas anteriormente, estabeleça juízo de valores, não ser passivo e não aceitar tudo o que é imposto;
- d) Ser crítica: ajudar o aluno a desenvolver sua própria escala de valores, sua capacidade de ver, questionar, julgar e agir.

No entanto, conforme ressalta Barros e Ribeiro (2012), muitas vezes a abordagem desse assunto segue apenas o discurso biológico, com a sexualidade direcionada apenas ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, dos métodos contraceptivos, e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e AIDS. Assim, “a sexualidade é vista como um atributo biológico compartilhado por todos/as, independente de sua história, de sua cultura e da sua sociedade, tornando-se, assim, universal e vivida igualmente por todos/as.”

As políticas educacionais citadas anteriormente, possibilitaram a discussão da educação sexual nas escolas. No entanto, devemos ponderar a atuação do professor nesse processo, com destaque no seu preparo e nas suas dificuldades que apresenta no desenvolvimento da temática em sala de aula.

2.3 Os professores e a educação sexual

Os PCNs do ensino fundamental I e II norteiam a intervenção do professor com relação à educação sexual sob três eixos fundamentais: “Corpo: Matriz da

Sexualidade”, “Relações de Gênero” e “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (BRASIL, 1997).

Nos conteúdos de orientação sexual para as turmas de 1º ao 5º ano, população alvo das ações dos professores deste estudo, o bloco “Corpo: Matriz da Sexualidade” trabalha o conhecimento e a percepção sobre o próprio corpo (transformações ao longo da vida, sentimentos, sensação de prazer e bem-estar), a concepção, gravidez e métodos contraceptivos, as mudanças corporais na puberdade, o respeito ao próprio corpo e respeito ao corpo e desenvolvimento do outro, o fortalecimento da autoestima e a tranquilidade em relação à sexualidade. No bloco “Relações de Gênero” são discutidas os papéis impostos à homens e mulheres pela sociedade, e o respeito, a valorização e a flexibilidade das expressões de cada um (BRASIL, 1997).

Já no bloco “Prevenção às Doenças sexualmente Transmissíveis/AIDS” os temas a serem trabalhados são a abordagem das DSTs e da Aids, seus modos de transmissão, sua prevenção e o combate à discriminação e a promoção do respeito aos portadores do vírus HIV e doentes de Aids (BRASIL, 1997).

Após análise desses eixos, pode-se observar que os conteúdos voltados ao ensino até o 5º ano, tratam da sexualidade sob o discurso prioritariamente biológico. Conforme indica Palma *et al.* (2015), as temáticas que fogem da biologia, ainda são consideradas tabus nos documentos, se estendendo às escolas.

Barros e Ribeiro (2012) em estudo realizado 14 profissionais integrantes de equipes diretivas e pedagógicas de escolas e Secretaria Municipal de Educação da região de Santa Vitória do Palmar e Chuí, e da região de Rio Grande e São José do Norte, no Estado do Rio Grande do Sul, perceberam através da narrativa dos profissionais, que nas práticas escolares a educação sexual acaba se "encaixando" durante as discussões em sala de aula quando o professor está debatendo um assunto qualquer. Ainda segundo as equipes, os professores não entendem que a educação sexual como um tema que deveria fazer parte do seu planejamento e das suas aulas. Logo, não compreendem que a discussão desse assunto faz parte do conteúdo de suas disciplinas. Desse modo, as questões que envolvem a sexualidade “entram pelas margens do currículo, sendo consideradas menos “legítimas” do que os demais conhecimentos e discutidas apenas por uma ou outra disciplina, não estando presente em todas as áreas do conhecimento”.

A abordagem de temas sociais de modo transdisciplinar, como recomenda os PCNs (1997), orienta que o professor, além de ensinar os conteúdos programáticos

que recebeu durante sua formação, trabalhe com os alunos questões que fogem da sua especificidade habitual. Devido a educação sexual estar inserida nessa proposta de abordagem, há a necessidade de avaliar as condições de trabalho e a qualidade de formação do professor, para que a execução dessa tarefa seja satisfatória. Deste modo, é necessário a reflexão sobre como está o trabalho da temática no ambiente escolar e se os professores se sentem preparados para desempenhar essa atividade (CHAVEIRO *et al*, 2015).

A educação sexual exige que o educador reveja seus tabus e preconceitos, reformule suas atitudes quanto ao sexo, tenha sensibilidade, percepção, conhecimentos sobre os sistemas reprodutores, conhecimentos específicos de sexualidade humana e que consiga tratar da sexualidade com naturalidade, respeitando a diversidade de condutas, valores, crenças e convicções dos alunos (MAIA e MAIA, 2005).

Conforme Chaveiro *et al* (2015) a intervenção pedagógica nesta temática deve atender às necessidades dos alunos, ser pautada nas reflexões que o assunto apresenta e desvinculada de crenças, tabus e valores pessoais dos professores; esses, por sua vez, devem ter uma postura ética em sua atuação.

É fundamental que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores, que o educador esteja atento para não transmitir preconceitos, não emitir juízo de valor sobre as questões colocadas pelos alunos, responder aos questionamentos de modo esclarecedor, e transmitir, pela sua conduta, a igualdade entre os sexos, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada pessoa individualmente (BRASIL, 1997; MAIA e MAIA, 2005).

Desse modo, é importante que os professores tenham formação específica para tratar da sexualidade na escola, principalmente no início desse processo, e desse modo, construam uma postura profissional, e se tornem orientadores conscientes e capazes de indicar caminhos e escolhas que auxiliem os indivíduos a vivenciar a sexualidade, no início e durante a adolescência, de modo menos traumático, com menos culpa, ansiedade, preconceitos e desinformação (BRASIL, 1997; MAIA e MAIA, 2005).

Marola, Sanches e Cardoso (2011) observam que os professores não recebem apoio ou orientação para o ensino dos outros eixos da educação sexual, abordando com os alunos aspectos da sexualidade relacionados somente com a biologia da reprodução. Esse fato é reforçado durante a análise das Diretrizes Curriculares

Nacionais para o Curso de Pedagogia, responsáveis pelo diagnóstico e avaliação sobre a formação e atuação dos professores do ensino fundamental I, onde não é mencionada a temática da educação sexual (BRASIL, 2006).

Esse despreparo pode levar o professor a uma visão reduzida e simplificada sobre o sexo, privilegiando o enfoque biológico, sem ampliar a questão da sexualidade (JARDIM e BRÊTAS, 2006; SILVA e MEGID NETO, 2006; MAROLA, SANCHES E CARDOSO, 2011).

Ao enfatizar a abordagem biológica, negam os fatores psicológicos, sociais, históricos e culturais que influenciam a compreensão e vivência sexual dos indivíduos (SILVA, 2013).

Souza, Silva e Santos (2015) apontam que, na maioria dos casos, a falta de qualificação em educação sexual, associada a outras dificuldades, reduz a motivação dos professores para planejar modalidades didáticas que permitam o desenvolvimento da educação sexual na escola.

Desse modo, justifica-se a necessidade de realizar levantamentos sobre as dificuldades encontradas pelos professores na abordagem dessa temática, buscando auxiliar o professor no desenvolvimento desta tarefa.

2.4 Estudos sobre as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual

O desenvolvimento das ações de educação sexual na escola pode vir acompanhado de desafios e dificuldades por parte do professor. Diante disso, realizou-se uma busca bibliográfica utilizando os descritores: *professores e educação sexual*, a partir de 2000, nas bases de dados o Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, e *Scientific Electronic Library Online - Scielo*.

A partir dessa busca, selecionou-se dezessete trabalhos com objetivos semelhantes aos da presente pesquisa, ou seja, que investigaram e relataram dificuldades dos professores frente às ações de educação sexual. Na seleção, foram incluídos artigos com professores do ensino fundamental I e II, bem como aqueles que tiveram os gestores como participantes do estudo.

No geral, 94,1% dos trabalhos utilizou como instrumentos de coleta de dados questionário (aberto, semiestruturado ou individual), e entrevista (semiestruturada ou

coletiva), sendo que em 17,6% do total de trabalhos, houve uma associação entre um ou mais instrumentos de coleta de dados. Apenas um artigo utilizou o roteiro de perguntas como instrumento isolado de coleta de dados.

Em decorrência das disparidades teórico-metodológicas entre os estudos, que abrangeu desde os números de professores do estudo até a orientação teórico-metodológica dos estudos, o que impossibilitou uma comparação pormenorizada, optou-se por realizar uma descrição dos resultados de cada um deles (o quadro comparativo completo encontra-se no anexo 9.1).

Corrêa (2003) apontou do total dos professores, 88% se sentem à vontade para falar sobre prevenção/ sexo seguro, 85% sobre relacionamento sexual e gravidez, 82% aborto e AIDS, 79% DSTs, 73% homossexualismo, e 61% anatomia sexual humana e fisiologia sexual humana.

Silva e Carvalho (2005) concluíram que os professores precisam superar o constrangimento de falar sobre sexualidade e, também, elaborar estratégias para lidar com o constrangimento e a resistência dos alunos ao conteúdo. Outra dificuldade apontada pelo estudo é a questão da necessidade de preparar aulas que atendam aos diferentes interesses de cada turma, que variam conforme a idade, a educação recebida na família e as vivências de cada aluno, implicando em maior tempo de preparação.

Santana (2006) relatou que 56,6% dos professores responderam que não há trabalhos sobre orientação sexual na escola, no entanto, eles consideram importante abordar o assunto devido: alto índice de gravidez (40,1%), orientação aos alunos no exercício da sexualidade (20%) e prevenção de DSTs e AIDS (16,5%); como maiores dificuldades apontam: a falta de conhecimento sobre o assunto (43,4%) e o despreparo para abordá-lo (16,5%).

Jardim e Brêtas (2006) apontaram que 33% dos professores sentem-se seguros para abordar o assunto; 45% não falam sobre o assunto em sala de aula; 27% participaram de treinamento para abordar o tema; 90% desejam treinamento ou capacitação. Os professores relataram possuir facilidades em abordar gravidez na adolescência e contracepção (86%), transformações físicas na adolescência (82%), DSTs e AIDS (82%), e apresentam dificuldades nos seguintes assuntos: desempenho sexual/orgasmo (42%), sentimentos (40%), masturbação (38%), auto-estima (38%).

Alves e Chaves (2007) mostraram que 100% dos professores abordam a orientação sexual; 27% abordam através de esclarecimentos de dúvidas conforme

necessidades diagnósticas e 23% através de diálogos e discussões. Esses professores consideram importante abordar métodos contraceptivos (100%), DST (100%), conhecimento do corpo (96%), concepção e gravidez (96%), aborto (96%), amor/afeto (96%), preconceitos/tabus 96%, namoro (96%) e relatam que o tema mais difícil é homossexualidade (50%), no entanto, para 27% da amostra não há nenhum tema difícil. Apontam também que a maior dificuldade em abordar os temas está na falta de material didático (68%) e na incompreensão dos pais (55%).

Souza *et al* (2008) apontaram que 93% dos professores não se sentem capacitados para abordar o tema com os alunos, sendo que 61% dos professores que responderam ao questionário nunca realizaram algum trabalho educativo sobre a temática em sala de aula. Também apontam como temas de maior interesse para trabalhar em sala de aula: sexualidade (35,71%), prevenção de DSTs (25,85%) e gravidez não planejada (17,75%).

Barreto (2009) identificou que os professores consideram temas mais fáceis de serem trabalhados em sala de aula: menstruação, namoro, DST/AIDS, métodos contraceptivos, sistemas reprodutores e gravidez na adolescência. Como temas mais difíceis, consideram: homossexualidade e abuso sexual. Dois professores consideraram o tema “relações sexuais” como o mais difícil, e na opinião de um professor, o assunto “homossexualidade” que não deveria ser abordado.

Reis (2009) revelou que 67% dos professores não receberam educação sexual na escola, destes 66% declararam que se sentiam à vontade para tratar de sexualidade e 40% declararam que não conseguiam desenvolver o trabalho de educação sexual; 18% consideram que informações sobre DSTs/Aids e métodos contraceptivos deveriam ser trabalhados no ambiente escolar. Os maiores desafios apontados para desenvolver o trabalho de educação sexual apontados foram: famílias ausentes (21%), insegurança dos professores diante das perguntas dos alunos (20%), despreparo dos professores (16%), influência da religião (11%). Já as maiores dificuldades foram: despreparo e insegurança dos professores (33%), dificuldade em relacionar o tema com a matéria dada (23%), falta de profissional qualificado (10%) e questões religiosas (10%).

Schnorr, Rodrigues e Gil (2010) mostraram que os professores consideram importante abordar a temática educação sexual, porém só o fazem quando perguntados. Os assuntos mais discutidos foram gravidez, métodos contraceptivos e opção sexual e os mesmos relatam que não há dificuldade em falar sobre o assunto.

Carpilovski *et al.* (2010) apontou 71% dos professores sente-se despreparado para trabalhar a educação sexual e apenas 2,8% dos professores responderam que já receberam algum tipo de orientação sobre como tratar sexualidade em sala de aula. Todos os professores do estudo acreditam ser necessário e urgente receber um treinamento sobre o tema orientação sexual na escola.

Holanda *et al* (2010) relataram que as dificuldades na abordagem da educação sexual envolvem a falta de material didático, a falta de formação adequada e a reação negativa dos pais diante da temática na escola.

Souza (2011) verificou 66,64% consideram importante trabalhar a educação sexual como tema transversal e 58,31% com auxílio de profissionais da área da saúde; 58,31% trabalha ou já trabalhou esse tema em suas aulas e destes, metade têm dificuldade em abordar o tema, sendo uma das dificuldades encontrada está relacionada com a pouca aceitação dos pais; consideram itens importantes para serem abordados: 83,30% mudanças físicas e corporais na adolescência, 66,64% DSTs e AIDS, 58,31% métodos contraceptivos.

Rufino *et al* (2013) identificaram que quase a totalidade tem dificuldade em trabalhar a temática (89%) e necessitam se capacitar (93%). Conteúdos sobre sexualidade não constavam nos Projetos Políticos Pedagógicos (76%) e a disciplina biologia apontada para o ensino da temática (55%), realidade que contradiz os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se pauta pela transversalidade. Os autores acreditam que há necessidade de parcerias entre a saúde, especialmente a Estratégia Saúde da Família (ESF), e a educação, como a Instituição de Ensino Superior, como suporte didático-pedagógico aos professores da rede básica de ensino para o trabalho em sexualidade.

Novak (2013) identificaram que as dificuldades enfrentadas pelos professores referem-se à falta de material didático, às conversas paralelas dos alunos que geram discussões com os demais alunos, e a não aceitação dos pais que acreditam que ainda não é o momento ideal para os filhos saberem sobre sexualidade.

No estudo de Barbosa (2014), os professores relataram apresentar dificuldades na mediação da temática devido a diversidade dos alunos em sala de aula e o constrangimento tanto de alunos como de professores durante as aulas. Já como facilidades na mediação da educação sexual, os professores relataram a boa formação acadêmica que tiveram e a participação dos alunos, que expressam suas dúvidas durante as aulas.

Meneghetti *et al* (2015) relatam que as dificuldades relatadas pelos professores na abordagem dessa temática são semelhantes entre professores do 5º ano com maior/menor tempo de experiência e com/sem formação em educação sexual, que apontaram como maior desafio as famílias ausentes ou muito permissivas quanto à sexualidade, e como assuntos mais difíceis de serem abordados, a homossexualidade, a masturbação e a violência sexual.

Zocca (2015) mostraram que os gestores têm uma visão de sexualidade e educação sexual associada aos aspectos biológicos e fisiológicos (saúde, prevenção, doenças e gravidez precoce) e baseada no senso comum. Já as dificuldades de implementação da temática na escola correspondem à falta de profissional especializado, às famílias, à religião e ao preconceito. Ressaltam ainda a necessidade de capacitação do professor, mas que a iniciativa deveria partir dos órgãos governamentais, pois apesar dos PCNs orientarem o trabalho do professor, sentem falta de políticas públicas efetivas.

Nota-se que no intervalo de 12 anos ao longo dos quais os estudos foram produzidos, não se observa redução das dificuldades, nem mudança dos temas relatados como complicados pelos professores, sendo que a falta de capacitação para abordar o assunto “sexualidade” em geral é a principal dificuldade apontada pelos estudos. Observa-se sim, um interesse crescente, embora ainda sutil, dos pesquisadores sobre o tema, pois 53% dos estudos estão concentrados nos últimos cinco anos.

Diante das pesquisas apresentadas, observamos que embora a maioria envolva professores do ensino fundamental e médio, não foi encontrado nenhum trabalho que relate as atitudes e dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual no 5º ano do ensino fundamental, onde os alunos têm o primeiro contato com as questões relacionadas à educação sexual, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais. Desse modo, pretendemos nesse trabalho realizar um levantamento sobre as dificuldades encontradas pelos professores do 5º ano na abordagem dessa temática.

3 OBJETIVO

- Realizar um levantamento a respeito das crenças, atitudes e dificuldades dos professores do 5º ano do Ensino Fundamental I de escolas municipais de Foz do Iguaçu frente ao início da abordagem da educação sexual na escola.

4 MATERIAL E MÉTODO

4.1 Participantes

A amostra foi composta por 81 participantes, entre eles, professores regulares e professores do reforço escolar que lecionavam no 5º ano das escolas municipais de Foz do Iguaçu¹, e supervisores que já haviam lecionado para o 5º ano e que manifestaram interesse e aceitaram participar do estudo.

A caracterização geral da amostra encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos professores participantes distribuídos por idade, sexo, titulação acadêmica, tempo de magistério, tempo de magistério no 5º ano, presença da educação sexual como conteúdo na graduação e formação/capacitação em educação sexual.

CARACTERÍSTICAS	FREQUÊNCIA	%
Idade (n=81)		
Até 30 anos	11	13,6%
31 - 35 anos	10	12,3%
36 - 40 anos	12	14,8%
41 - 45 anos	18	22,2%
46 - 50 anos	19	23,4%
Acima de 50 anos	11	13,6%
Sexo (n= 81)		
Feminino	71	87,6%
Masculino	10	12,3%
Titulação acadêmica (n= 79)		
Apenas graduação	21	26,6%
Pós-graduação	58	73,4%
Tempo de magistério (n=80)		
Até 5 anos	10	12,5%
6 - 10 anos	8	10%
11 - 15 anos	13	16,2%
16 - 20 anos	19	23,7%
21 - 25 anos	19	23,7%
26 - 30 anos	10	12,5%
Mais de 30 anos	1	1,2%

¹ A informação obtida foi de que em 2015 havia 75 professores regentes no 5º ano segundo a Secretaria Municipal de Educação.

Tempo de magistério no 5º ano (n=79)		
Até 5 anos	34	43%
6 - 10 anos	24	30,4%
11 - 15 anos	12	15,2%
16 - 20 anos	4	5,1%
21 - 25 anos	3	3,8%
Acima de 25 anos	2	2,5%
Educação sexual como conteúdo na graduação (n=76)		
Sim	27	35,5%
Não	49	64,5%
Formação/capacitação em educação sexual (n=79)		
Sim	29	36,7%
Não	50	63,3%

Na tabela 1 pode-se observar que 45,7% dos participantes apresentavam idade entre 40-50 anos, desses 22,2% tinham entre 41-45 anos e 23,4% tinham entre 46-50 anos; e 87,6% dos participantes eram do sexo feminino. Quanto a titulação acadêmica, 73,4% possuíam pós-graduação, entre eles, apenas um professor possuía pós-graduação *strictu sensu* – Mestrado Acadêmico. Quanto ao tempo de magistério, 47,5% dos participantes apresentavam entre 16-25 anos, sendo 23,7% entre 16-20 anos e 23,7% entre 21-25 anos; e 43% apresentavam até 5 anos de magistério no 5º ano. Quanto a formação em educação sexual, 64,5% dos participantes não tiveram este conteúdo durante a graduação; e 63,5% dos participantes não possuíam formação/ capacitação em educação sexual.

Os alunos, alvo das ações de educação sexual nas escolas, não participaram como sujeitos da pesquisa, no entanto, os dados referentes à idade e ao sexo dos estudantes de cada turma de 5º ano foram coletados por meio da lista de matrícula, para fins de caracterização da população-alvo das ações efetuadas pelos professores.

A caracterização dos alunos encontra-se na Tabela 2.

Tabela 2. Caracterização dos alunos alvo das ações de educação sexual distribuídos por idade e sexo.

CARACTERÍSTICAS (n=1.724)	IDADE	SEXO	
	(média)	Masculino	Feminino
	10,2 anos	n= 913 (53%)	n= 811 (47%)

Na tabela 2 observa-se que a média de idade dos 1.724 alunos que são alvo das ações de educação sexual dos professores estudados é de 10,2 anos, com prevalência de alunos do sexo masculino (53%).

4.2. Locais de Realização da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em 50 Escolas Municipais de Foz do Iguaçu - PR urbanas e rurais abaixo relacionadas, no período de Maio a Junho de 2015; a única escola excluída foi a E.M. Profa. Lúcia Marlene Pena Nieradka, pois não possuía turma de 5º ano no ano de 2015:

E.M. Acácio Pedroso
E.M. Adele Zanotto Scalco
E.M. Ademar Marques Cunha
E.M. Altair Ferrais da Silva “Zizo”
E.M. Anita Garibaldi
E.M. Antonio Gonçalves Dias
E.M. Arnaldo Isidoro de Lima
E.M. Augusto Werner
E.M. Belvedere
E.M. Brigadeiro Antonio Sampaio
E.M. Cândido Portinari
E.M. Carlos Gomes
E.M. Cecília Meireles
E.M. Ceres de Ferrante
E.M. Cora Coralina
E.M. Da Vila Shalon
E.M. Dr. Dirceu Lopes
E.M. Duque de Caxias
E.M. Eleodoro Ébano Pereira
E.M. Elói Lohmann
E.M. Emílio de Menezes
E.M. Érico Veríssimo
E.M. Frederico Engel
E.M. Gabriela Mistral
E.M. Írio Manganelli

E.M. Jardim Naipi
E.M. João Adão da Silva
E.M. João da Costa Viana
E.M. João XXIII
E.M. Jorge Amado
E.M. Júlio Passa
E.M. Monteiro Lobato
E.M. Najla Barakat
E.M. Olavo Bilac
E.M. Olímpio Rafagnin
E.M. Oswaldo Cruz
E.M. Padre Luigi Salvucci
E.M. Papa João Paulo I
E.M. Ponte da Amizade
E.M. Presidente Getúlio Vargas
E.M. Princesa Isabel
E.M. Prof. Benedicto João Cordeiro
E.M. Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza
E.M. Prof^a Elenice Milhorança
E.M. Prof^a Josinete Holler Alves dos Santos
E.M. Prof^a Rosália de Amorin Silva
E.M. Prof^a Suzana Moraes Balen
E.M. Santa Rita de Cássia
E.M. Vinícius de Moraes

4.3 Instrumentos

4.3.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Contrato individual firmado entre cada participante e a autora da presente pesquisa. Constava de informações ao participante sobre objetivos e modo de funcionamento da pesquisa, solicitação para o preenchimento do instrumento de pesquisa e autorização por parte do mesmo para a divulgação dos dados, respeitando-se o anonimato do participante. Foi garantido aos participantes o direito

de retirar a participação na pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus para o mesmo (APÊNDICE 9. 2).

4.3.2 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento para coleta de dados foi elaborado a partir do Questionário de Educação Sexual em Meio Escolar – QUESME (SERRÃO, 2009) e do questionário semiestruturado do trabalho de Dreyer (2014). Foi composto por 13 perguntas, que abordavam além dos dados de caracterização do participante, questões sobre as crenças, atitudes e dificuldades dos professores frente às ações de educação sexual (APÊNDICE 10.4).

4.4 Procedimento

- a) Etapa 1: Contato formal (via ofício) com a Secretaria Municipal de Educação para obtenção de consentimento para realização da pesquisa nas escolas através da assinatura do Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo (APÊNDICE 10.3);
- b) Etapa 2: Visita às escolas para contato com os diretores e coordenadores, para a apresentação do Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo, explicação dos objetivos da pesquisa e agendamento da coleta de dados com os professores;
- c) Etapa 3: Coleta de dados. Os professores foram abordados individualmente para o preenchimento do instrumento durante sua permanência na escola. A pesquisadora explicou os objetivos da pesquisa e solicitou a participação no estudo. Os professores que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam o instrumento de coleta de dados e instruções para preenchimento do mesmo, que deveria preferencialmente ser respondido na presença da pesquisadora para que a mesma pudesse fornecer auxílio e esclarecer dúvidas. Caso o professor solicitasse responder ao questionário em outro horário, era agendada a data de entrega do instrumento respondido.

Os procedimentos metodológicos deste trabalho estão de acordo com os princípios éticos adotados pela Resolução 466 de 12 de Dezembro de 2012 e pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - CEP/Unioeste (Parecer nº 618.706) (ANEXO 10.1).

5 RESULTADOS

Os dados coletados foram tabulados conforme as perguntas do instrumento e tratados por meio de estatística descritiva (frequência, média e porcentagem). Na análise dos dados, foram considerados apenas os professores que responderam as perguntas do instrumento, desse modo, a amostra dos professores variou para cada pergunta, conforme identificado nos gráficos.

5.1 Crenças: o que pensam os professores sobre a Educação Sexual na escola?

O gráfico 1 apresenta a porcentagem das respostas referentes a como acreditam ser sua informação em educação sexual para ensinar e orientar seus alunos, ou seja, como se autoavaliam em termos de conhecimento.

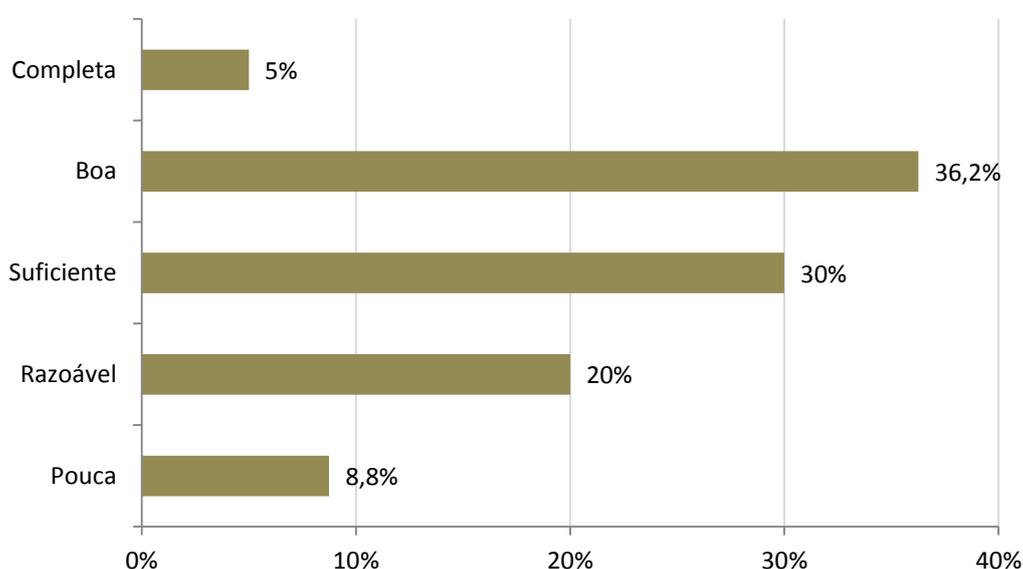


Gráfico 1 – Porcentagem das respostas dos professores referente à autoavaliação quanto a informação em educação sexual que acreditam possuir para ensinar e orientar os seus alunos (n=80).

A partir da porcentagem das respostas dos professores, observou-se que 36,2% deles acreditam ser “boa” as informações que possui sobre sexualidade e 30% acreditam ser “suficiente” para ministrar o tema a seus alunos.

O gráfico 2 apresenta a percentagem das respostas dos professores referente a qual série acreditam que a educação sexual deveria ser iniciada.

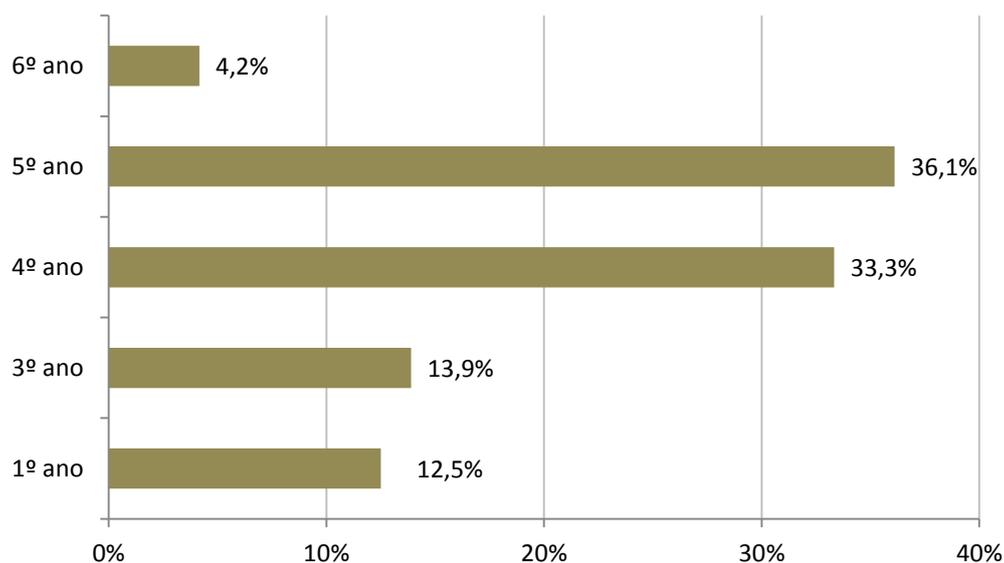


Gráfico 2 – Percentagem das respostas dos professores quanto ao ano de início da educação sexual na escola (n= 72).

A análise das respostas apontou que 36,1% dos professores acreditam que a educação sexual deveria ser iniciada no 5º ano, enquanto para 33,3% deles, o ano ideal para o seu início seria o 4º ano.

O gráfico 3 apresenta a média do posicionamento dos professores em relação às afirmações quanto aos resultados da educação sexual no ambiente escolar. As respostas também variavam de 1 (não acredito) até 5 (acredito muito).

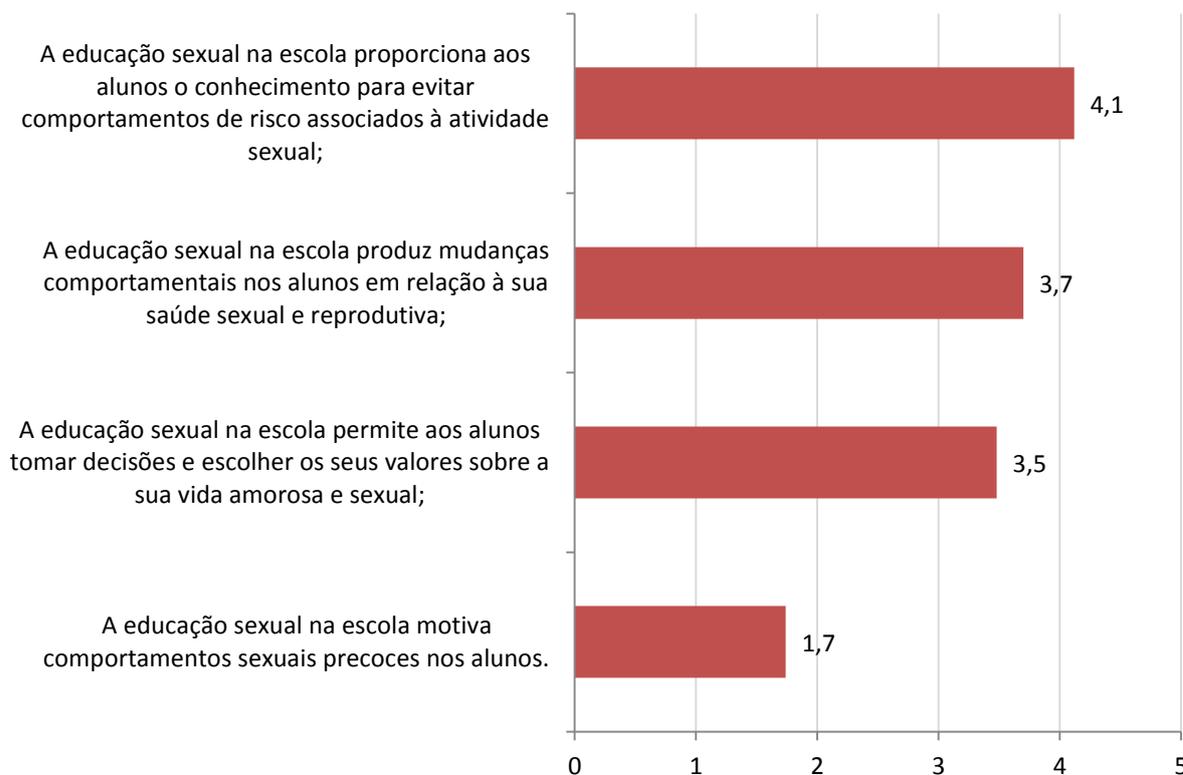


Gráfico 3 - Média da pontuação dos professores em relação à crença nas afirmações quanto aos resultados da educação sexual no ambiente escolar (n=81).

Ao analisar as respostas dos professores, foi possível observar que as afirmações que mais se aproximaram do grau "acredito muito" foram "a educação sexual na escola proporciona aos alunos o conhecimento para evitar comportamentos de riscos associados à atividade sexual", seguida de "a educação sexual na escola produz mudanças comportamentais nos alunos em relação à sua saúde sexual e reprodutiva" e "a educação sexual na escola permite aos alunos tomar decisões e escolher seus valores sobre a sua vida amorosa e sexual". Já a afirmação "a educação sexual na escola motiva comportamentos sexuais precoces nos alunos" foi a que mais se aproximou do grau "não acredito".

5.2 Atitudes: O que fazem na prática os professores quando trabalham com Educação Sexual na escola?

O gráfico 4 apresenta a média das respostas quanto à frequência das atitudes e/ou atividades que os professores realizam referentes ao desenvolvimento da educação sexual na escola. As respostas variavam de 1 (raramente) até 5 (sempre).

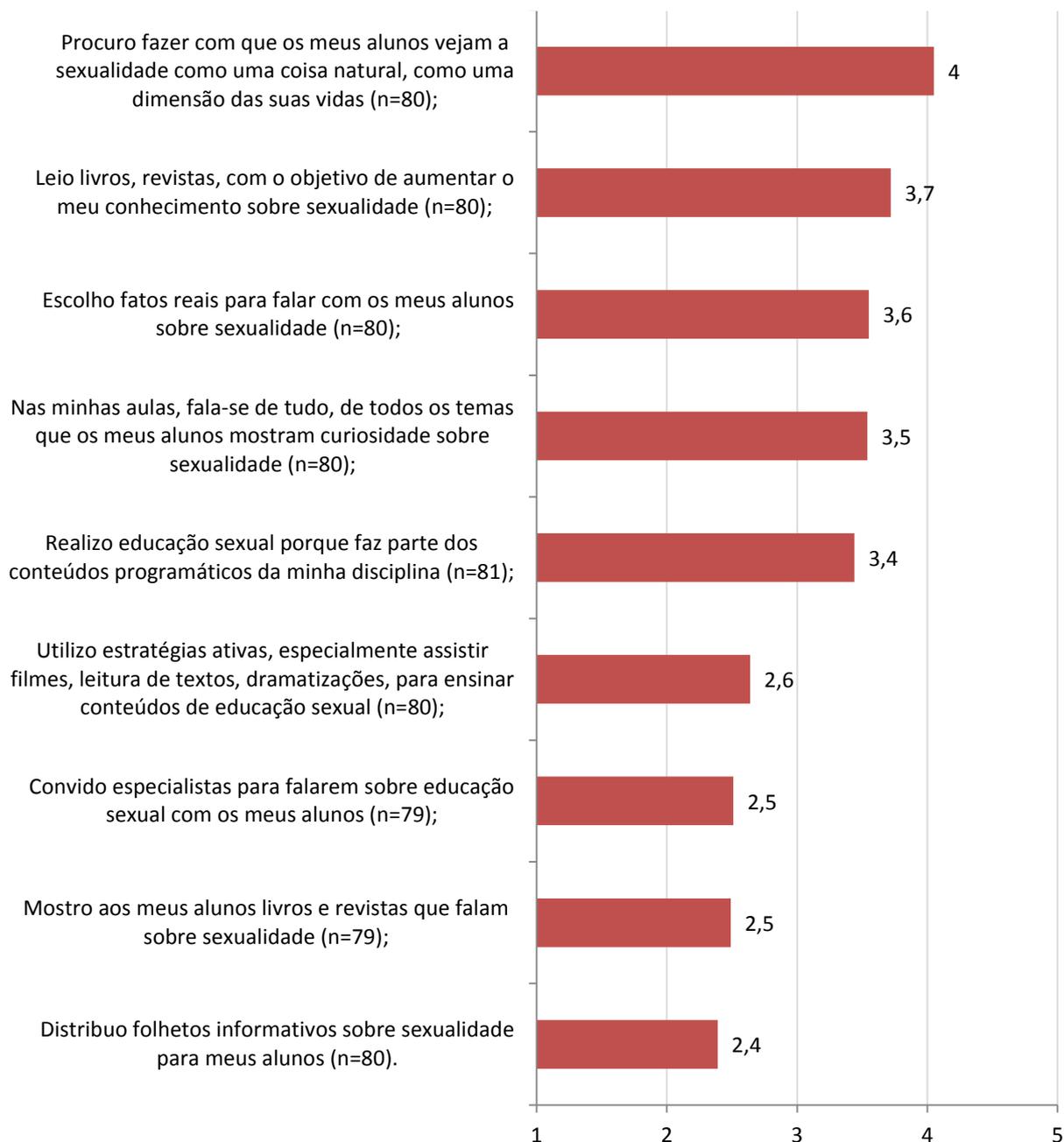


Gráfico 4 - Média de pontuação quanto à frequência de atitudes e atividades que os professores realizam referentes ao desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar.

A análise das respostas revelou que os professores, com maior frequência, procuram fazer com que os alunos vejam a sexualidade como uma coisa natural, como uma dimensão em suas vidas; apontaram que leem livros e revistas, com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre sexualidade para ministrar as aulas; escolhem fatos reais sobre sexualidade para abordar com os alunos; abordam todos os temas que os alunos expressam curiosidade; e realizam a educação sexual porque essa faz parte dos conteúdos programáticos da disciplina que ministram.

5.3 Dificuldades: Quais os desafios pessoais e profissionais da Orientação Sexual na escola?

Os gráficos 5a, 5b, 5c e 5d apresentam a média das respostas quanto ao grau de importância, de capacidade e de conforto/desconforto dos professores em relação a uma lista de assuntos relacionados a sexualidade que poderiam tanto fazer parte do conteúdo ministrado em sala de aula, quanto dos questionamentos dos alunos. As respostas variavam de 1 (nenhuma importância, nada capaz e muito desconfortável) até 5 (muito importante, muito capaz e muito confortável).

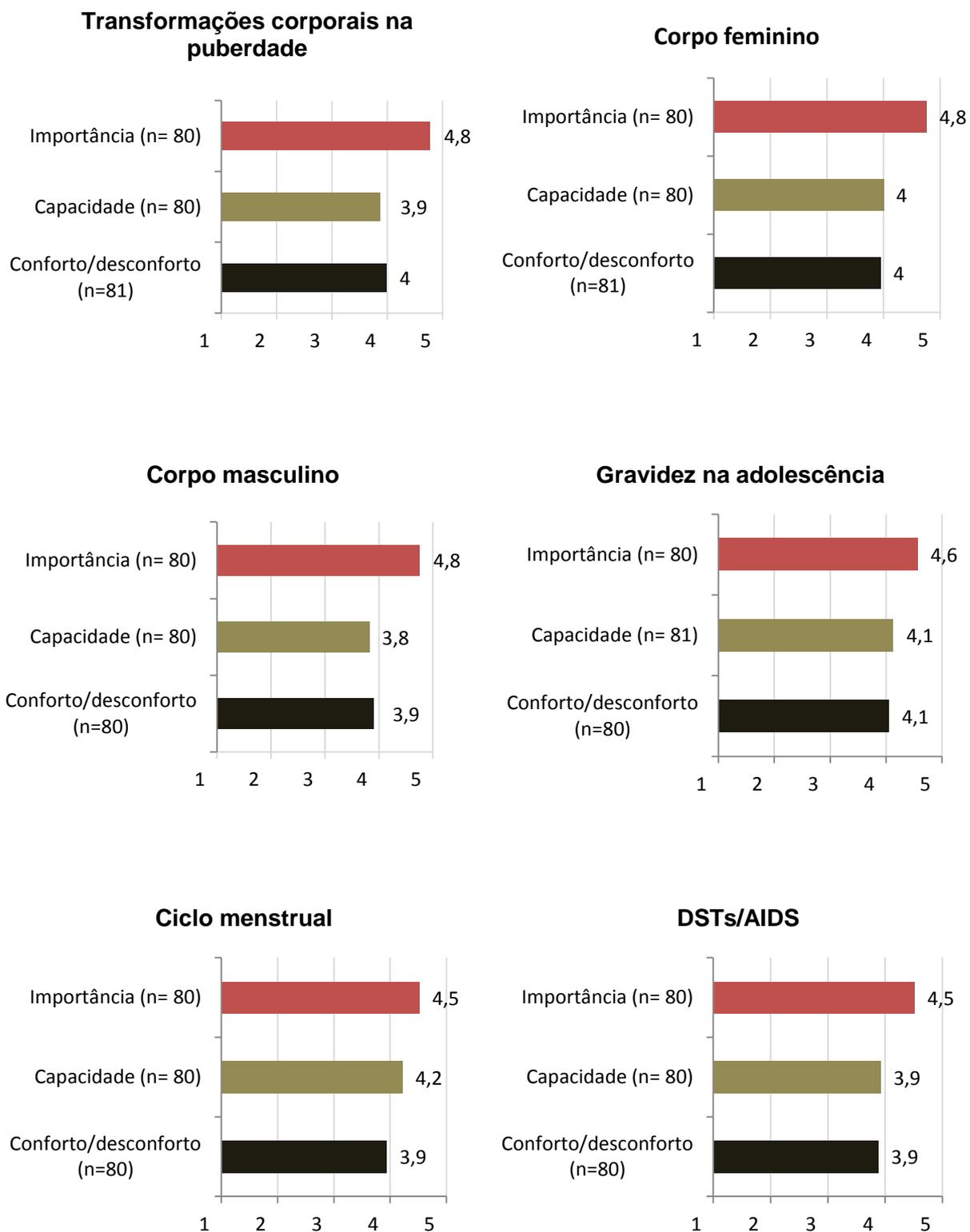


Gráfico 5a. Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.

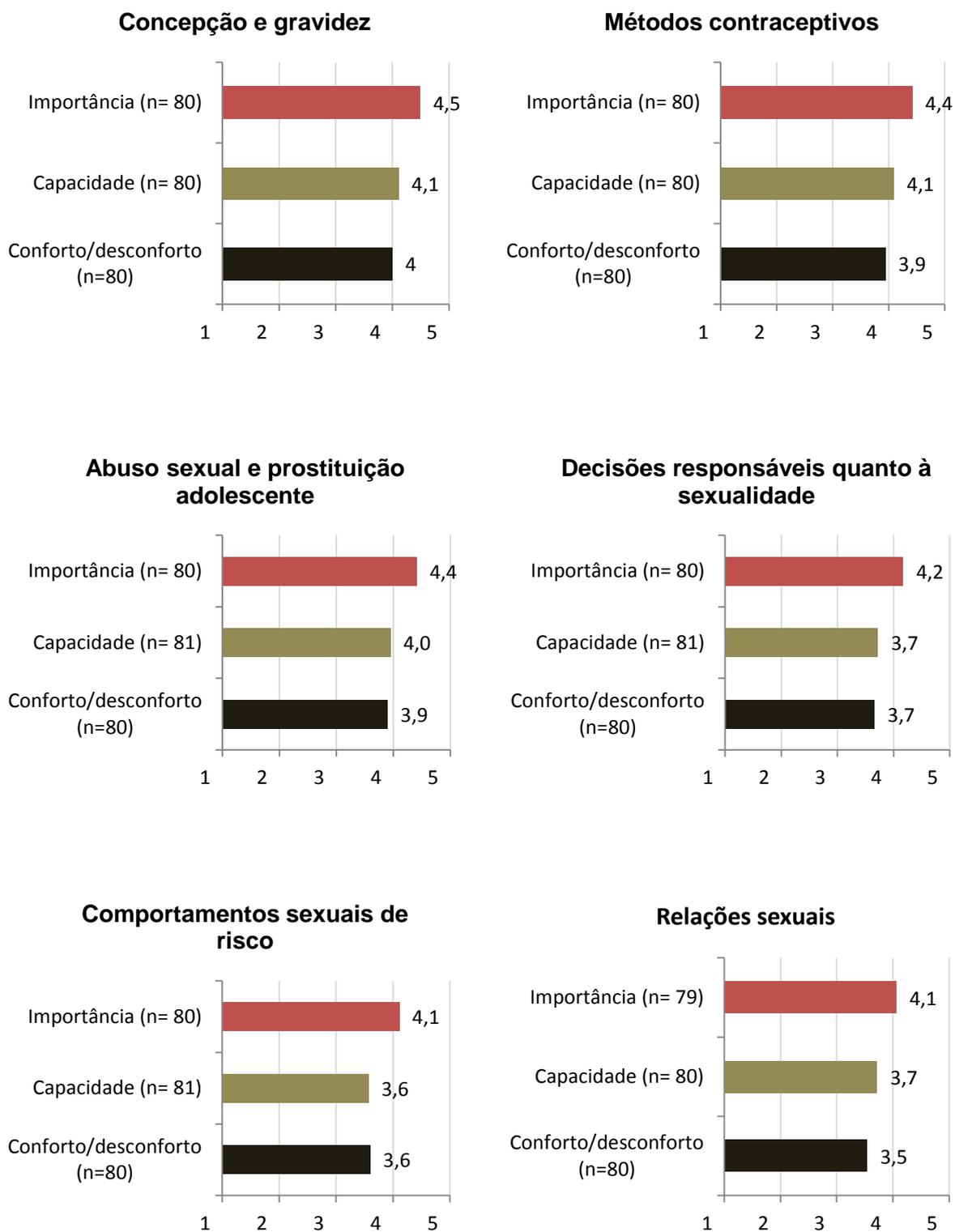


Gráfico 5b. Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.

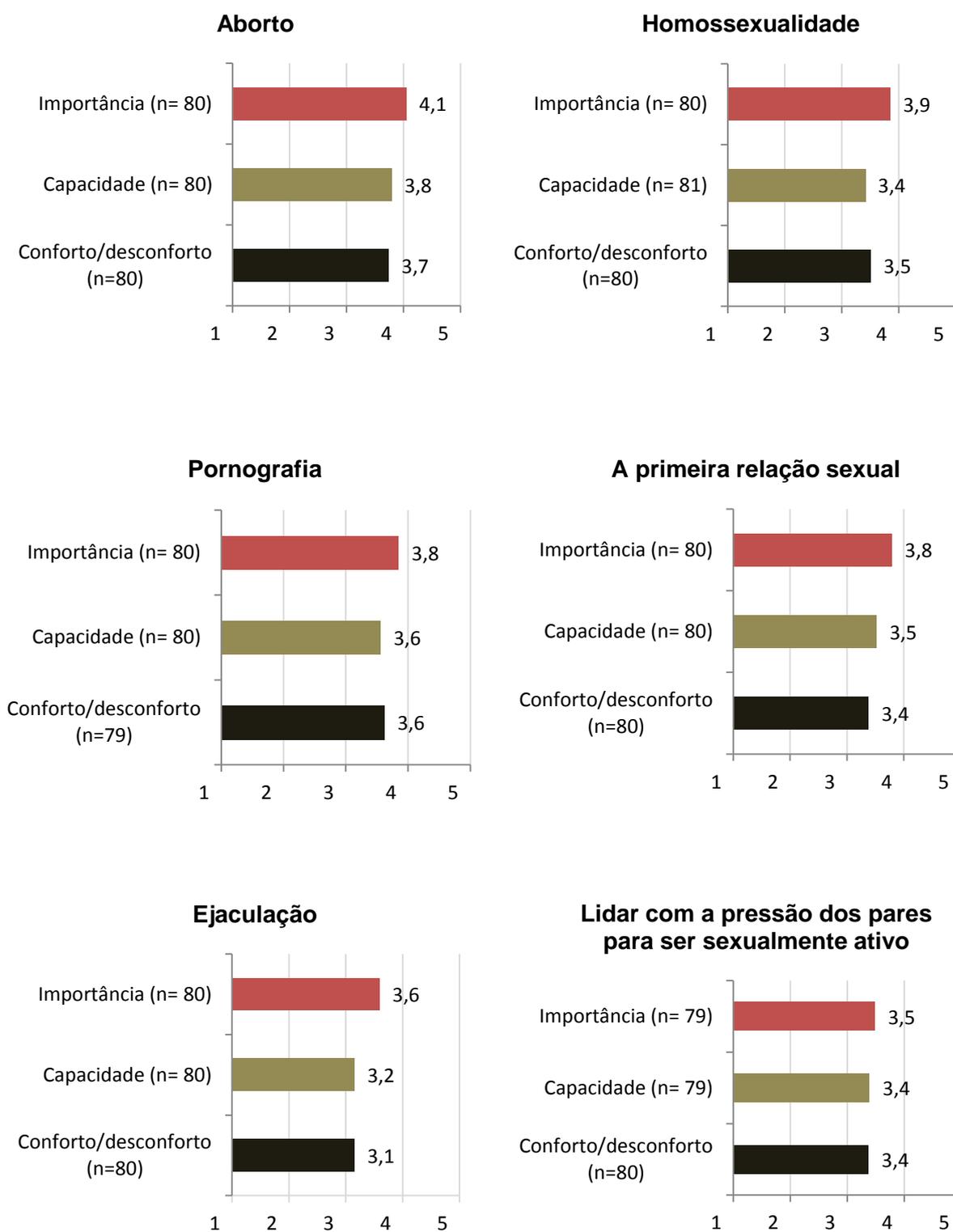


Gráfico 5c. Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.

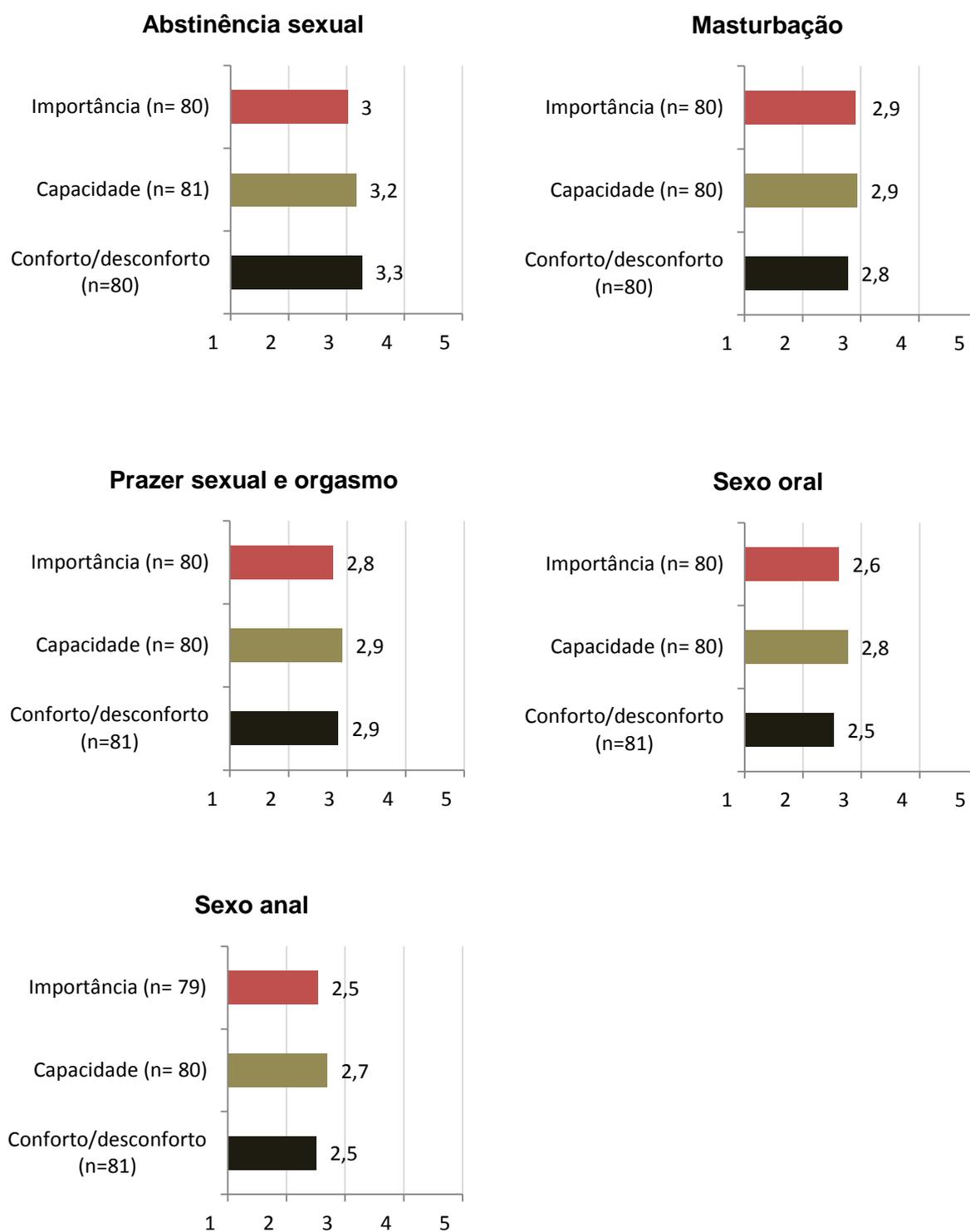


Gráfico 5d. Média da pontuação quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto dos professores em relação aos assuntos listados.

A análise das médias das pontuações realizadas pelos professores quanto ao grau de importância, capacidade e conforto/desconforto apontou que estes consideram os assuntos “transformações corporais na puberdade”, “corpo feminino”,

“corpo masculino” e “gravidez na adolescência” os mais importantes de serem tratados; se sentem mais capazes de falar com os alunos sobre “ciclo menstrual”, “gravidez na adolescência”, “concepção e gravidez” e “métodos contraceptivos”; consideram os assuntos “gravidez na adolescência”, “concepção e gravidez”, “transformações corporais na puberdade” e “corpo feminino” os mais confortáveis de serem abordados com os alunos, e “prazer sexual e orgasmo”, “masturbação”, “sexo oral” e “sexo anal” os mais desconfortáveis para se abordar com os alunos.

O gráfico 6 apresenta a porcentagem das respostas dos professores quanto aos desafios enfrentados pelos professores na implementação das ações de educação sexual no 5º ano do Ensino Fundamental I.

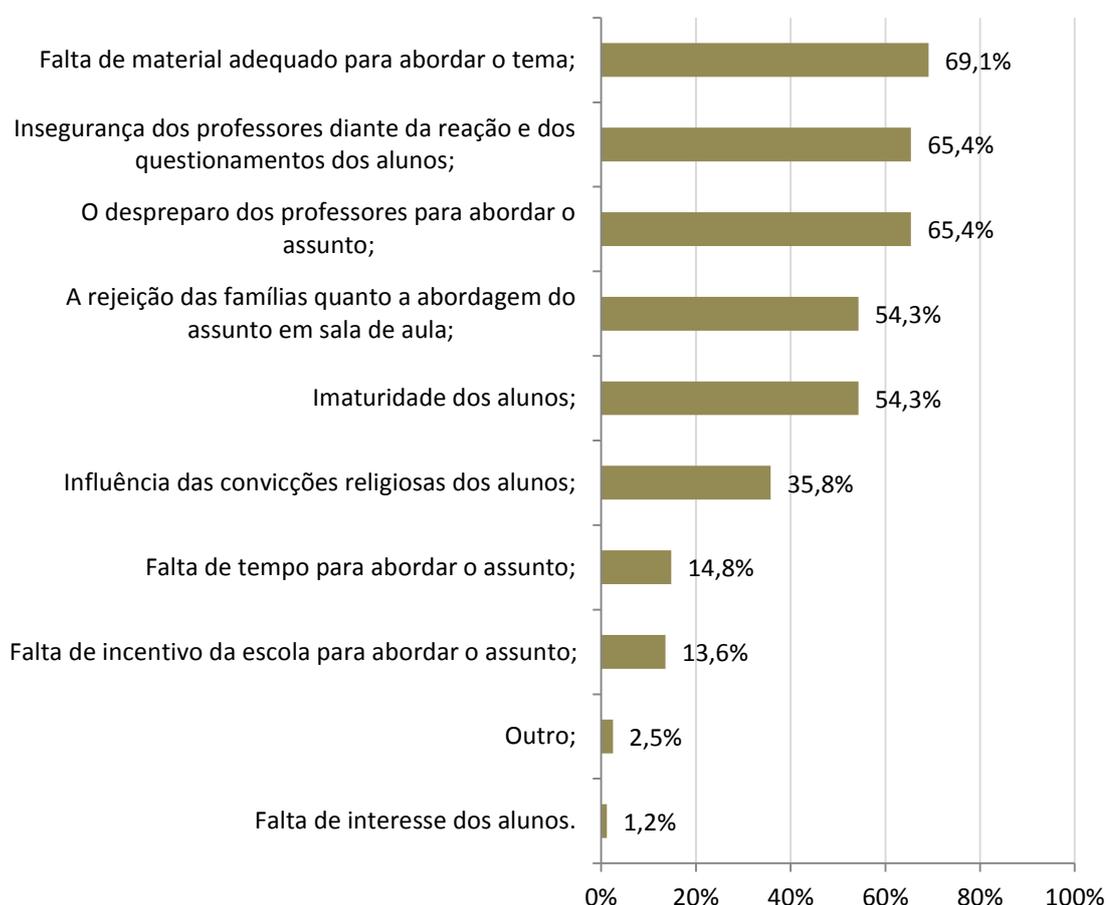


Gráfico 6 - Porcentagem de respostas quanto às dificuldades enfrentadas na implementação das ações de educação sexual (n=81).

A partir da porcentagem das respostas, observou-se que mais de 50% dos professores assinalaram como desafios enfrentados nas ações de educação sexual no 5º ano “a falta de material adequado para abordar o assunto”, a “insegurança dos

professores diante da reação e dos questionamentos dos alunos”, “o despreparo para abordar o assunto”, a “rejeição das famílias quanto à abordagem do assunto em sala de aula” e a “imaturidade dos alunos”.

6 DISCUSSÃO

A educação sexual está incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Educação Fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), no ano de 1997. Esse documento orienta que a temática seja abordada de modo transversal e norteia a intervenção do professor em três eixos fundamentais: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.

Independente da continuidade ou não da adoção atuais de tais parâmetros, é no ambiente escolar que o educar para a sexualidade pode ocorrer de forma planejada, com a implementação de estratégias e ações que promovam a saúde sexual dos alunos, pois é onde acontece a intervenção pedagógica em todas as suas facetas (ALTMANN, 2003; LEÃO *et al.*, 2010).

Embora os documentos educacionais e o Ministério da Educação compreendam a orientação sexual como tendo caráter, sobretudo, informativo e a sexualidade como prioritariamente biológica e relacionada às funções hormonais, a inclusão desse tópico historicamente já foi um grande avanço (SILVA, 2013).

A sexualidade aparece e transparece no contexto escolar, na forma de atitudes, de perguntas, de piadas, e até mesmo de olhares e do próprio silêncio. E os professores, enquanto agentes do processo ensino-aprendizagem precisam estar preparados para tratar da sexualidade na escola, principalmente no início desse processo. No entanto, falhas na capacitação do professor podem levá-lo a permanecer somente no enfoque biológico da sexualidade, ignorando ou mesmo reprimindo discussões sobre comportamento sexual (JARDIM e BRÊTAS, 2006; SILVA e MEGID NETO; 2006; MAROLA, SANCHES E CARDOSO, 2011). Desse modo, pode colaborar para a desinformação e conseqüente vivência da sexualidade de modo culposos, ansioso e preconceituoso (BRASIL, 1997; MAIA e MAIA, 2005).

Na rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, os alunos têm o primeiro contato formal com temas de educação sexual no 5º ano do ensino fundamental. Ano escolar que, em geral, coincide com a faixa etária de início da puberdade (BEE e BOYD, 2011). Os assuntos trazidos pelo livro didático adotado nesta série são: sistema reprodutor masculino e feminino, concepção e gravidez, adolescência e as modificações do corpo que ocorrem em meninos e meninas na puberdade (NIGRO e

CAMPOS, 2011), o que corrobora a afirmação de Silva (2013) de que os conteúdos são informativos e priorizam os aspectos biológicos da sexualidade.

Em pesquisa recente em três escolas municipais de Foz do Iguaçu, Mantovani *et al.* (2014) mostrou que os alunos nesta faixa etária trazem, durante as aulas de educação sexual, questões sobre adolescência (“por que as pessoas ficam mais radicais e bravas na fase da adolescência?”), higiene íntima (“por que temos que lavar a vagina?”; “se não trocar o absorvente o que acontece?”), gravidez, principalmente “como” se engravida (“o que é fecundação?”; “o pênis com a vagina faz um bebê?”; “como a mulher engravida?”; “quando menstrua já pode ter bebê?”; “em volta de quantos anos nós podemos engravidar?”), menstruação (“o que é menstruação e de onde sai?”; “a menopausa surge a partir de quantos anos?”; “é verdade que quando a mulher tem bebê não vem menstruação?”; “as meninas menstruam e os meninos o que acontece com eles?”), DSTs (“quando uma pessoa tem Aids e faz sexo com outra, o que acontece?”; “Como transmitimos a Aids?”; “Quando a mulher tem Aids o bebê nasce com a doença?”), masturbação (“o que é masturbação?”; “masturbação faz bem pro corpo?”) e também sobre comportamento sexual (“quando o homem beija a mulher, o que acontece?”; “o que significa virgindade?”; “a mulher usa camisinha?” “pra que fazer sexo?”).

Como observado, tais questionamentos e curiosidades dos alunos não estão no conteúdo curricular proposto, o que exige do professor conhecimento extra para respondê-las corretamente e de modo adequado para à idade dos mesmos, de modo que a primeira abordagem ao assunto na escola seja aberta, tranquila e abra caminho para que os alunos continuem trazendo suas questões aos professores. Porém, como constatou Dreyer (2014), os professores não se sentem preparados para ir além do conteúdo programático e se aventurar na exploração e orientação das dúvidas das crianças e pré-adolescentes.

Foi exatamente neste contexto que o presente estudo se inseriu. Foram questionados 81 professores, a maioria mulheres (87,6%), com idade prevalente de 40-50 anos (45,7%), sobre suas crenças, atitudes e dificuldades, frente a esse início da abordagem da educação sexual na escola. Os participantes relataram não ter tido educação sexual durante a graduação (64,5%) que pudesse prepará-los para esta tarefa e, e também não tiveram outra formação/capacitação em educação sexual (63,3%). Corroborando a falta de formação, apenas 36,2% dos professores consideraram bom seu grau de informações para ministrar esse tema; 30%

consideraram razoável, sendo que apenas 5% dos professores consideram suas informações completas.

Uma vez que o currículo escolar coloca esse desafio frente aos professores entrevistados, 36,1% se posicionaram favoráveis a que o assunto se inicie na referida série; já para 33,3% o ano anterior (4º ano) seria ideal para o início da educação sexual. Esse resultado corrobora os achados de Jardim e Brêtas (2006) onde 23% dos professores apontaram que o início da educação sexual deveria ocorrer entre os 09 e 11 anos e no trabalho de Zocca (2015), onde os gestores enfatizam que o quarto e quinto ano é o momento ideal para iniciar a temática. A opção “não deveria haver educação sexual nas escolas” não foi assinalada por nenhum professor no presente estudo.

Quanto ao posicionamento dos professores sobre educação sexual, a maioria acredita que a educação sexual na escola tem o papel de proporcionar aos alunos conhecimentos para que os comportamentos de risco associados à atividade sexual sejam evitados, sendo que a minoria acredita que a educação sexual na escola motivaria comportamentos sexuais precoces nos alunos. Segundo Freitas *et al* (2014) atualmente sabe-se que a informação por si só não promove mudanças comportamentais efetivas e duradouras, no entanto, Freitas *et. al.*, (2014) afirmam que a maioria das ações de educação em saúde e educação sexual promove uma melhor relação entre informação e comportamentos.

Em relação à intervenção pedagógica no ensino da educação sexual, é importante que a escola preencha as lacunas de informações trazidas pelos alunos, relembre e amplie os conhecimentos a respeito da sexualidade, através de informações atualizadas, abra espaço para discussões e questionamentos, e que combata tabus e preconceitos (Leão *et al.*, 2010).

No presente estudo, os professores pontuaram que as atividades que realizavam com maior frequência eram fazer com que os alunos vissem a sexualidade como algo natural, e ler livros, revistas para aumentar o seu conhecimento sobre sexualidade. As menos frequentes eram mostrar aos alunos livros e revistas sobre sexualidade e distribuir informativos para os alunos. Desse modo, vê-se que o trabalho de educação sexual na escola ainda não está contribuindo para a formação global, crítica e criativa do aluno, pois as ações ainda são muito limitadas (Leão *et al.*, 2010).

Ao analisar o grau de importância que os professores atribuíram aos assuntos que poderiam fazer parte da educação sexual nesta série escolar, observou-se que

os professores consideraram os assuntos “transformações corporais na puberdade”, “corpo feminino”, “corpo masculino” e “gravidez na adolescência” como os de maior importância; já “masturbação”, “prazer sexual e orgasmo”, “sexo oral” e “sexo anal” foram considerados de menor importância. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Alvez e Chaves (2007), com professores de ciências do Ensino Fundamental II, que consideraram importante abordar métodos contraceptivos, DSTs, conhecimento do corpo, concepção e gravidez, aborto, amor/afeto, preconceitos/tabus, namoro, e no estudo de Souza (2011) onde os assuntos apontados como importantes a serem trabalhados foram as mudanças físicas e corporais na adolescência, DSTs e AIDS e métodos contraceptivos.

No trabalho de Jardim e Brêtas (2006) com professores do Ensino Fundamental II e Médio, 43% deles acreditavam que todos os assuntos que envolvem a sexualidade deveriam ser discutidos; 38% achavam que deveria ser abordado apenas o assunto “gravidez na adolescência”; 30% que deveria ser abordado as DSTs e seus modos de prevenção; 5% achavam importante falar sobre auto-estima, valores e responsabilidades relacionadas ao exercício do sexo; 3% achavam que deveria ser abordado sobre família e o casamento. Neste mesmo estudo, 91% dos professores acreditavam que nenhum assunto deveria ser restringido em sala de aula, e 9% não fariam sobre aborto e masturbação para "não estimularem a sua prática". Já o trabalho de Schnorr *et al.*, (2010) com professores do Ensino Médio, mostrou que os mesmos consideraram importante abordar a temática educação sexual, porém, só o fazem quando questionados. Os assuntos mais discutidos foram gravidez, métodos contraceptivos e opção sexual e os mesmos relatam que não há dificuldade em falar sobre o assunto.

Souza *et al.*, (2008) em estudo com professores do Ensino Fundamental II, encontrou um percentual de 93% dos professores que se sentiam incapacitados e inseguros para desenvolver a temática educação sexual com os alunos, qualquer que fosse ela. No presente estudo os professores avaliaram possuir maior capacidade para falar com os alunos sobre “ciclo menstrual”, “gravidez na adolescência”, “concepção e gravidez” e “métodos contraceptivos”, e menor capacidade para abordar os assuntos “masturbação”, “prazer sexual e orgasmo”, “sexo oral” e “sexo anal”, os mesmos apontados por eles como de menor importância. E embora os professores tenham apontado os temas "transformações corporais na puberdade", "corpo feminino" e "corpo masculino" como os mais importantes a serem abordados com os

alunos, esses três assuntos não corresponderam àqueles que eles se sentem mais capazes de ministrar. Também relataram sentirem-se mais confortáveis tratando dos assuntos “gravidez na adolescência”, “concepção e gravidez”, “transformações corporais na puberdade” e “corpo feminino”. E novamente citam os mesmos temas, “prazer sexual e orgasmo”, “masturbação”, “sexo oral” e “sexo anal” como os mais desconfortáveis para se abordar em sala de aula.

Em 2006, o estudo de Jardim e Brêtas, observou que os professores têm mais facilidade em ensinar sobre "transformações físicas na adolescência", "gravidez na adolescência e contracepção" e DST/AIDS"; como assuntos difíceis de serem discutidos em sala de aula, apontam "desempenho sexual/ orgasmo", "sentimentos" "autoestima" e "masturbação". Outro estudo semelhante (Barreto, 2009) buscou identificar os temas relativos à sexualidade considerados fáceis ou difíceis de serem trabalhados em sala de aula. Os professores desse estudo consideraram temas fáceis: menstruação, namoro, DST/AIDS, métodos contraceptivos, sistemas reprodutores e gravidez na adolescência. Como temas difíceis consideraram a homossexualidade e o abuso sexual. Resultados semelhantes foram encontrados no presente estudo, onde os professores afirmaram sentirem-se mais capazes e mais confortáveis para abordar a puberdade e a reprodução, e se consideraram menos capazes e mais desconfortáveis para falar de comportamento sexual.

Como já apontado anteriormente, a falta de capacitação do professor pode perpetuar uma ação educacional reduzida e simplificada sobre o sexo, privilegiando apenas aspectos da sexualidade relacionados com a biologia da reprodução. Atuando desta forma o professor ignora o sexo como fonte de prazer em seu discurso e também evita a discussão de assuntos que envolvam o preconceito e as desigualdades entre os sexos, a determinação cultural que define os papéis sexuais de homens e de mulheres na sociedade, e as questões de gênero e opção sexual, entre outras (SILVA e MEGID NETO, 2006; MAROLA, SANCHES E CARDOSO, 2011; SILVA e SANTOS, 2011).

Voltando ao presente estudo, quando questionados sobre os desafios enfrentados na implementação das ações de educação sexual, os professores apontaram a falta de material adequado para trabalhar o assunto, a insegurança frente às reações e perguntas dos alunos e o despreparo para abordar o assunto. Alguns trabalhos têm mostrado resultados similares (SANTANA, 2006; ALVES e CHAVES, 2007; REIS 2009; CARPILOVSKI *et al*, 2010; HOLANDA *et al*, 2010; NOVAK, 2013).

No estudo de Barbosa (2014), os professores relataram apresentar dificuldades na mediação da temática devido a diversidade dos alunos em sala de aula e o constrangimento vivenciado por alunos e professores durante as aulas. Souza (2013) em estudo com 7 professores de Ciências do 6º ao 9º ano, observou que 58% deles relataram que não houve preparação para trabalhar com a educação sexual durante sua formação, e para 72% dos participantes, a escola não está cumprindo o seu papel de orientar sexualmente seus alunos. Rufino *et al.* (2013), mostraram que 89% dos professores pesquisados têm dificuldade em trabalhar a temática e 89% deles necessitam de capacitação

Uma vez que o professor atua como mediador do processo de ensino-aprendizagem, seu preparo para a abordagem dessa temática é fundamental. Conforme mencionado anteriormente, dentre os professores desse estudo 64,5% não tiveram educação sexual durante a graduação, 63,3% não possuíam formação/capacitação em educação sexual e apenas 5% dos professores consideraram suas informações completas. Os PCNs propõem inclusão da educação sexual no currículo escolar, entanto, Costa (2012) e Chaveiro *et al.*, (2015) trazem a discussão de que a sexualidade não faz parte dos conteúdos curriculares dos cursos de licenciatura. Os currículos dos cursos de formação de professores deveriam incluir essa temática, e assim contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional docente e conseqüente melhoria na qualidade do ensino. A formação dos educadores sexuais deve envolver a formação pessoal, e a capacitação profissional e científica, atrelando formação, sensibilidade e a conscientização na abordagem do assunto (COSTA, 2012).

Rufino *et al.* (2013) apontam que o professor não precisa ser especialista em educação sexual para abordá-la em sala de aula, no entanto, há a necessidade de que seja um profissional com "capacidade de articular conteúdos e criar contextos pedagógicos adequados para reflexões e debate de ideias"; essas características exigem dele constante atualizações de seus conhecimentos. Silva e Santos (2011) destacam que a formação adequada dos professores é necessária, já que abordar essa temática nunca foi algo tranquilo ou de fácil compreensão, inclusive pelos professores que se interessam pelo assunto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse trabalho realizar um levantamento a respeito das crenças, atitudes e dificuldades dos professores do 5º ano do Ensino Fundamental I de escolas municipais de Foz do Iguaçu frente ao início das ações de educação sexual na escola.

Os resultados mostraram que a maioria dos professores acredita que possuem informações sobre educação sexual em nível "bom". Esse achado pode estar relacionado ao fato de que são poucos os professores que apontaram uma preparação em educação sexual, seja durante a graduação ou após o seu término. Assim, há o despreparo na abordagem de assuntos que não estão propostos no currículo escolar, bem como àquelas dúvidas e questionamentos trazidos pelos alunos durante as aulas.

No entanto, nenhum professor assinalou a opção que “não deveria haver educação sexual nas escolas”, reforçando a relevância da temática no ambiente escolar e a escola como um lugar favorável à implementação de ações voltadas a essa temática. Os professores do estudo acreditam que a educação sexual na escola tem influências positivas no comportamento e na tomada de decisão dos alunos referente à vivência da sexualidade, atuando como um fator de proteção aos adolescentes.

Já no desenvolvimento da temática, os participantes relataram que trazem, para a sala de aula, assuntos atuais e que se aproximam do cotidiano dos alunos. Neste contexto, é importante que o professor valorize as dúvidas e ansiedades expressas pelos alunos e esteja preparado para sanar esses questionamentos.

Para a maioria dos professores desse estudo, a educação sexual deveria ser iniciada no 5º ano, no entanto, não se questionou quais assuntos os professores acreditam que deveriam ser trabalhados em sala de aula neste ano escolar. Observou-se que os professores consideram de maior importância e com maior capacidade e conforto de abordagem, assuntos relacionados aos aspectos biológicos da educação sexual, sem ampliar o debate para outras dimensões da sexualidade. Esse fato foi fortalecido pela coincidência entre os assuntos "sexo oral", "sexo anal", "masturbação" e "prazer sexual e orgasmo" como assuntos citados pelos professores como menos importantes, para os quais se sentem menos capazes de abordar e também que geram maior desconforto ao ministrar em sala de aula.

No entanto, o questionário aplicado não foi elaborado especificamente para discutir os conteúdos do 5º ano. Os temas que os professores relatam pouca importância, capacidade e conforto não estão presentes no conteúdo curricular desta série. Logo, uma questão a ser levantada é, se o fato dos professores sentirem mais dificuldade na abordagem dos aspectos comportamentais da sexualidade decorre destes não fazerem parte do conteúdo curricular, ou por aparecerem em baixa frequência entre os questionamentos dos alunos 5º ano. Conforme mostra o estudo de Mantovani *et al* (2014), os alunos dessa série não realizaram questionamentos referentes à sexo oral e anal, prazer sexual e orgasmo, com exceção do tema masturbação, durante as aulas de Educação Sexual.

Esse estudo abrangeu apenas professores do 5º ano do Ensino Fundamental, que trabalham com os alunos em todas as disciplinas, no entanto, em algumas escolas as disciplinas são distribuídas entre os professores das áreas específicas, e a educação sexual fica sob responsabilidade dos professores de Ciências. Conforme orientam os PCNs, a educação sexual deveria ser abordada de modo transversal, no entanto, essa interdisciplinaridade pode não ocorrer pelo fato de se acreditar que os professores de Ciências e Biologia apresentem melhores condições para abordar os questionamentos sobre sexualidade (JARDIM e BRÊTAS, 2006; ALENCAR *et al.*, 2008). Essa concepção reforça o vínculo superficial da educação sexual associada apenas aos órgãos sexuais e a fisiologia da reprodução.

Embora a maioria das pesquisas envolva professores do Ensino Fundamental e Médio, não foi encontrado nenhum trabalho que relate as atitudes e dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual no 5º ano do ensino fundamental, onde os alunos têm o primeiro contato curricular com as questões relacionadas à educação sexual. Desse modo, esse trabalho destaca-se por investigar a abordagem da educação sexual no início do conteúdo curricular dos alunos, conforme PCNs e o conteúdo programático das turmas de 5º ano das escolas municipais de Foz do Iguaçu.

Como limitações desse estudo, há uma constatação a ser apontada quanto ao instrumento de coleta de dados. O questionário não abrangeu quais assuntos os professores achavam que deveriam ser ou não ser abordados com os alunos que estão tendo o primeiro contato educacional formal com o tema sexualidade. Neste sentido, pesquisas futuras poderiam aprofundar esta questão, selecionando com os professores quais assuntos eles consideram que deveriam ser trabalhados com os

alunos do 5º ano, no início da educação sexual na escola, e sobre quais assuntos eles deveriam estar preparados para responder aos questionamentos dos alunos.

A partir do levantamento aqui realizado, e dos resultados obtidos, alguns dados importantes aos profissionais e pesquisadores da área foram obtidos. Neste sentido delineou-se algumas diretrizes para a formulação de treinamentos ou capacitação aos professores sobre o tema, as quais estão apresentadas abaixo.

- **Anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores:** assunto tomado como base para uma capacitação em educação sexual. É necessário o conhecimento aprofundado nesse tópico, visto que a partir do conhecimento do corpo e das mudanças que ocorrem na puberdade, outras aprendizagens podem ser construídas. Sugerimos como temas a serem abordados com os professores:
 - Corpo feminino e corpo masculino;
 - Transformações corporais na puberdade;
 - Ciclo menstrual;
 - Ejaculação.

- **Aspectos biológicos do sexo:** há a necessidade de se discutir o sexo como algo natural, inerente ao ser humano. Ao trabalhar a relação sexual, pode-se abordar com os professores aspectos da reprodução, do prazer sexual, as doenças transmitidas pelo contato sexual e os modos de contato sexual. Sugerimos como temas a serem abordados com os professores aqueles que compreendem o ato sexual:
 - Relações sexuais;
 - Concepção e gravidez;
 - Métodos contraceptivos;
 - DSTs/AIDS;
 - Prazer sexual e orgasmo;
 - Sexo anal;
 - Sexo oral.

- **A descoberta da sexualidade:** a adolescência é marcada pelo início da maturação sexual, devido as transformações anatômicas e fisiológicas, e por mudanças psicológicas e sociais que acarretam na descoberta do próprio corpo

e na exploração da sexualidade. É importante que o professor esteja preparado para orientar quanto à essas descobertas e para responder aos questionamentos dos alunos, visando diminuir a ansiedade que acompanha muitos adolescentes nesta fase. Sugerimos como temas a serem abordados:

- Primeira relação sexual;
 - Homossexualidade;
 - Masturbação.
 - Pornografia.
-
- **O comportamento sexual:** a descoberta da sexualidade e o início da atividade sexual requerem atenção por parte de pais e educadores. É fundamental que os professores orientem os alunos quanto às suas dúvidas e anseios, e os incentive a utilizar o conhecimento adquirido para a sua proteção. Sugerimos como temas a serem abordados:
 - Comportamentos sexuais de risco;
 - Decisões responsáveis quanto à sexualidade;
 - Como lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo;
 - Gravidez na adolescência;
 - Aborto;
 - Abuso sexual e prostituição adolescente;
 - Abstinência sexual.

Numa vertente complementar, pesquisas sobre os efeitos dessa capacitação, formulada com base nos dados do presente estudo, seriam de grande relevância e poderiam gerar materiais de ensino valiosos aos trabalhos dos professores.

8 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R.A.; SILVA, L.; SILVA, F.A.; DINIZ, R.E.S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Revista Ciência e Educação**, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.
- ALVES, J.C.S.; CHAVES, A.C.L. As necessidades e dificuldades da orientação sexual de ciências de Porteirinha - MG. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC**, 6, 2007, Florianópolis – SC. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - ABRAPEC, 2007.
- ALTMANN, H. Orientação Sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 21, p. 281-315, 2003.
- AQUINO, C.; MARTELLI, A.C.; Escola e educação sexual: uma relação necessária. **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPESUL**, Caxias do Sul - RS, 2012
- BARBOSA, R.L. **Dificuldades e facilidades do ensino de sexualidade: o que pensam os professores de Ciências Naturais**. 17f. Monografia (Licenciatura em Ciências Naturais) - Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF, 2014.
- BARRETO, M.I. Educação sexual - fácil ou difícil na ótica de professores de Ciências do município de Aracaju? In: **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 1, 2009, Salvador – BA. Anais do I Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2009.
- BARROS, S.C.; RIBEIRO, P.R.C. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 1, p. 164-187, 2012.
- BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12^o ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRASIL. República Federativa do Brasil. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em Outubro de 2015.
- BRASIL. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. Série Educação Preventiva Integral: Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade. **Ministério da Educação e Desporto/ Secretaria de Projetos Educacionais Especiais**. Brasília, DF, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. **Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. **Ministério da Educação**. Brasília, 2006.
- BORUCHOVITCH, E. Fatores associados a não utilização de anticoncepcionais na adolescência. **Revista de Saúde Pública**, v.26, p.437-443, 1992.

CARPILOVSKY, C.K.; TEMP, D.S.; COSTABEBER, I.; SOARES, F.A.A.; ARRIAL, J.; TRELLES, K.B. Educação fundamental: ação dos professores frente à temática da Educação Sexual na escola pública. **Revista Vidya**, v. 30, n. 1, p. 43-52, 2010.

CÉSAR, M.R.A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Revista Educar**, n. 35, p. 37-51, 2009.

CHALEM, E.; MITSUHIRO, S.S.; FERRI, C.P.; BARROS, M.C.M.; GUINSBURG, R.; LARANJEIRA, R. Gravidez na adolescência: perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 23, n. 1, p. 177-186, 2007.

CHAVEIRO, L.G.; PIRES, L.M.; MATOS, M.A.; TELES, S.A.; SOUZA, S.M.B. SOUZA, M.M. Análise da temática sexualidade no contexto escolar com professores da educação básica. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 16, n. 5, p. 690-698, 2015.

CORRÊA, C.I.M. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2003.

COSTA, P.C.F. **Os patamares da adesão das escolas à educação sexual**. 305 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo USP, São Paulo, SP, 2012.

COSTA, M.A.; RABELO, N.S.; MORAES, I.C.M.; SIQUEIRA, F.C.M.; CABRAL, E.S.M. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v.4, n. 1, p. 123-132, 2014.

COSTA M.C.O.; SOUZA R.P. Avaliação e cuidados primários da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998. 290 p.

DIAS, A.C.G.; TEIXEIRA, M.A.P. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Revista Paidéia**, v. 20, n. 45, p. 123-131, 2010.

DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural. **Revista Educar**, n. 30, p. 77-87, 2007.

DREYER, L.C. **Dificuldades de professores do ensino público na implementação de ações de educação sexual com crianças**. 50 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem) – Curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Foz do Iguaçu, PR, 2014.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Revista Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 2, 2005.

FERREIRA, P.M.; FÁVERO, M., DELCAMPO, A. Avaliação do impacto de um programa de educação sexual no primeiro ciclo de escolaridade. **Revista Educação: Teoria e Prática**, v. 24, n. 45, p. 76-95, 2014.

FREITAS, R.F.; WAECHTER, H.N.; COUTINHO, S.G.; GUBERT, F.A. Design da informação, comunicação, saúde e prevenção das DSTs/Aids: estudo sistemático. **Revista Comunicação e Sociedade**, v. 35, n. 2, p. 291-314, 2014.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L.C.; CORD, D.; NUERNBERG, A.H. Psicologia Escolar e formação continuada em gênero e sexualidade. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.

GUANABENS, M.F.G.; GOMES, A.M.; MATA, M.E.; REIS, Z.S.N. Gravidez na adolescência: um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. **Revista Brasileira de Educação Médica**, n. 36, v. 1, supl. 2, p. 20-24, 2012.

HOLANDA, M.L.; MACHADO, M.F.A.S.; VIEIRA, N.F.C. Compreensão dos pais sobre a exposição dos filhos aos riscos as IST/AIDS. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v.7, n. 1, p. 27-34, 2006.

HOLANDA, M.L.; FROTA, M.A.; MACHADO, M.F.A.S.; VIEIRA, N.F.C. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Revista Cogitare Enfermagem**, v.15, n. 4, p. 702-708, 2010.

INSTITUTO PROMUNDO. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade: um guia para ação**. Manuais Educativos, 2011. Disponível em < <http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Toolkit-1.pdf> > Acesso em Agosto de 2014.

JARDIM D. P.; BRÊTAS J. R. S.; Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006.

LEÃO, A.M.C., RIBEIRO, P.R.M., BEDIN, R.C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, v. 11, n.1, p. 36-52, 2010.

MAIA, A.C.B.; MAIA, A.F. Sexualidade e Infância. **Cadernos CECEMCA**. Bauro: FC/CECEMCAA - Brasília: MEC/SEF, 2005.

MANTOVANI, G.D.; TRES, B.; SILVA, R.M.M.; MOURA, C.B. Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. **Revista Contexto e Educação**, ano 29, n. 92, p. 72-90, 2014.

MAROLA, C.A.G.; SANCHES, C.S.M.; CARDOSO, L.M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, n. 33, p. 95-118, 2011.

MARTINS, C.B.G.; FERREIRA, L.O.; SANTOS, P.R.M.; SOBRINHO, M.W.L.; WEISS, M.C.V.; SOUZA, S.P.S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 573-578, 2011.

MEIRELES, A.C.; RAIZER, E.C.; MARGOTTO, L.R. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo**, v. 1, n. 1, 2011.

MENEGHETTI, V.; DREYER, L.C.; CAVALHEIRO, R.L.O.; MOURA, C.B. Ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual. **Revista Educação Online**, n. 18, p. 117-131, 2015.

MESQUITA, M.C.F. **Formação de professores e educação sexual: Análise das Diretrizes Curriculares Nacionais e do currículo do curso de Pedagogia da UEM**. 48 p.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá UEM, Maringá, PR, 2012.

MIGUEL, R.B.P.; TONELI, M.J.F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão de literatura. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 285-293, 2007.

NERY, I.S.; FEITOSA, J.J.M.; SOUSA, A.F.L.; FERNANDES, A.C.N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p.287-292, 2015.

NIGRO, R.G.; CAMPOS, M.C.C. **Ápis: Ciências**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes**. 38 p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) – Especialização em Ensino de Ciências da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR, Medianeira, PR, 2013.

NUNES, C.A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

PALMA, Y.A.; PIASON, A.S.; MANSO, A.G.; STREY, M.N. Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. **Revista Temas em Psicologia**, v.23, n. 3, p. 727-738, 2015.

PELLOSO, S.M.; CARVALHO, M.D.B.; HIGARASHI, I.H. sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 30, n. 2, p. 113-119, 2008.

QUIRINO, G.S.; ROCHA, J.B.T. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Revista Ciência e Educação**, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.

RAMIRO, L.; MATOS, M.G. Percepção de professores portugueses sobre educação sexual. **Revista Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 684-692, 2008.

RAMIRO, L.; REIS, M.; MATOS, M.G.; DINIZ, J.A.; SIMÕES, C. Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamento nos adolescentes. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 11-21, 2011.

REIS, E.F.A. **Escola e sexualidades: diferentes concepções/muitos desafios**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói, RJ, 2009.

ROCHA, G.R. **Educação sexual para o ensino fundamental**. 13f. Artigo (Licenciatura em Biologia) – Licenciatura em Biologia da Universidade de Brasília UnB, Brasília, DF, 2012.

RUFINO, C.B.; PIRES, L.M.; OLIVEIRA, P.C.; SOUZA, S.M.B.; SOUZA, M.M. **Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino**. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.

SAITO, M.I.; LEAL, M.M. Educação sexual na escola. **Revista Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SANTANA, C.C.P. **Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania**.42 p. Monografia (Especialização no Ensino de Ciências) – Departamento de Ensino de Ciências

e Biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

SCHOEN-FERREIRA, T.H.; AZNAR-FARIAS, M.; Adolescência através dos séculos. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26 n. 2, p. 227-234, 2010.

SCHNORR, S.M.; BRIZOLA, R.M.R.; GIL, R.L. Sexualidade: a visão dos professores de biologia de uma escola de ensino médio. In: **XIX Congresso de Iniciação Científica (CIC) e XII Encontro de Pós-Graduação (ENPOS)**, Pelotas - RS, 2010.

SERRÃO, C.S.L.S. **Práticas de Educação Sexual em contexto escolar: factores preditores do envolvimento dos professores na promoção da educação sexual**. 342 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Lisboa, 2009.

SILVA, R.O. **Diálogos sobre sexualidade: um estudo a partir das dúvidas de adolescentes**. 29 p. Monografia (Licenciatura em Ciências Naturais) – Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB de Planaltina, Planaltina, DF, 2013.

SILVA, M.P.; CARVALHO, W.L.P. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo da sexualidade na vivência das professoras. **Revista Ciência e Educação**, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SILVA R. C. P.; MEGID NETO J.; Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Revista Ciência e Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, L.M.M.; SANTOS, S.P. Sexualidade e Formação Docente: representação de futuros professores/as de Ciências e Biologia. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa - ENPEC**, Campinas - SP, 2011.

SILVA, T.; TONETE, V.L.P. A gravidez da adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 199-206, 2006.

SOUZA, M.M.; DEL-RIOS, N.H.A.; MUNARI, D.B.; WEIRICH, C.F. **Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia - GO**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 10, n. 2, p. 460 - 471, 2008.

SOUZA, R.A. Educação sexual na visão dos professores indígenas do ensino fundamental em uma escola em Dourados. **Revista Espaço Ameríndio**, v. 5, n. 3, p. 181-206, 2011.

SOUZA, M.R.O. **A educação sexual os anos finais do ensino fundamental no Colégio Municipal Edivaldo Machado Boaventura: uma análise e percepção dos docentes**. 38 f. Monografia (Licenciatura em Ciências da Natureza) – Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB, Cruz das Almas, BA, 2013.

SOUZA, E.J.; SILVA, J.P.; SANTOS, C. Educação sexual na escola: concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 3, n. 3, p. 51-62, 2015.

TAVEIRA, J.D.; OLIVEIRA, G.F.; LEANDRO, J.F.; BACURAU, P.A.M. Projeto Viver Adolescente. **3º Encontro Universitário da UFC no Cariri**, 2011.

TORCATO, C.M.; NOVAES, J.B.; PARRA, C.R. Adolescente com estigma da doença renal crônica. **Encontro Anual de Iniciação Científica - ETIC**, v. 4, n. 4, 2008.

VELHO, M.T.A.C.; QUINTANA, A.M.; ROSSI, A.G. Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. **Revista Bioética**, v. 22, n. 1, p. 76-84, 2014.

ZOCCA, A.R. **A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores**. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) –Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista UNESP, Araraquara, SP, 2015.

9 APÊNDICES

9.1 Tabela de trabalhos que abordam as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual na escola, separada por autor e ano, título, objetivos, participantes do estudo, instrumentos de coleta de dados e principais resultados.

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
CORRÊA, C.I.M 2003	Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos	Identificar a presença de ações educativas voltadas à sexualidade em uma escola pública de uma pequena cidade do interior paulista e as sugestões apontadas pelos professores e alunos para a viabilização de ações voltadas à realidade escolar	157 alunos da 6º ao 9º ano do ensino fundamental e da 1º a 3º do ensino médio, 30 professores das referidas séries, 1 coordenador pedagógico e 2 vice-diretores de uma escola pública estadual situada numa cidade do interior paulista pertencente à Diretoria Regional de Ensino de Lins/SP	2 questionários e 1 folha de registro para os professores, e questionário para os alunos	88% dos professores se sentem à vontade para falar sobre prevenção/ sexo seguro, 85% sobre relacionamento sexual e gravidez, 82% aborto e AIDS, 79% DSTs, 73% homossexualismo, e 61% anatomia sexual humana e fisiologia sexual humana.
SILVA, M.P.; CARVALHO, W.L.P 2005	O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência dos professores	Investigar, através dos discursos das professoras que atuam no ensino fundamental da rede municipal de ensino, o desenvolvimento do "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo" de sexualidade, buscando compreendê-lo enquanto fenômeno	3 professores graduadas que atuam no ensino fundamental da rede municipal de ensino de Uberlândia, graduadas em Letras, Biologia e História, responsáveis por ministrar as disciplinas de Português, Ciências e Orientação para a vida	Entrevistas	Dificuldades: elas precisam superar o constrangimento de falar sobre esse assunto e, também, elaborar estratégias para lidar com o constrangimento e a resistência dos alunos ao conteúdo. A resistência é vencida com o tempo, na medida em que vai aumentando o interesse do aluno pelo conteúdo. Elas, também, aprenderam que precisam lidar com os tabus que surgem no grupo durante uma discussão, sem impor uma única forma de pensar. Outra dificuldade é a questão da necessidade de preparar aulas que atendam aos diferentes interesses de cada turma, que dependem da idade, da educação recebida na família, das vivências de cada aluno. Esse fato exige que elas preparem aulas diferenciadas e implique maior tempo de preparação

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
SANTANA, C.C.P. 2006	Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania	Relatar como a orientação sexual vem se constituindo no ensino médio de um CIEP localizado em uma comunidade carente da cidade do Rio de Janeiro	30 professores do ensino médio de um Centro Integrado de Educação Pública do Rio de Janeiro - RJ	Questionário	56,6% responderam que não há trabalhos sobre orientação sexual na escola; consideram importante abordar o assunto devido: alto índice de gravidez (40,1%), orientá-los no exercício da sexualidade (20%) e evitar DSTs e AIDS (16,5%); como maiores dificuldades apontam: a falta de conhecimento sobre o assunto (43,4%) e o despreparo (16,5%)
JARDIM D. P.; BRÉTAS J. R. S. 2006	Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP	Identificar o conhecimento e a atuação em sexualidade dos professores de ensino fundamental e médio	100 professores de todas as disciplinas do ensino fundamental e médio de escolas públicas de Jandira - SP	Questionário semi-estruturado	33% sentem-se seguros para abordar o assunto; 45% não falam sobre o assunto em sala de aula; 27% participaram de treinamento para abordar o tema; 90% desejam treinamento ou capacitação; Tem facilidades em abordar: 86% gravidez na adolescência e contracepção, 82% transformações físicas na adolescência, 82% DSTs e Aids; dificuldades em abordar: 42% desempenho sexual/orgasmo, 40% sentimentos, 38% masturbação, 38% auto-estima
ALVES, J.C.S.; CHAVES, A.C.L. 2007	As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de ciências de Porteirinha - MG	Investigar e analisar as necessidades, as dificuldades e as possibilidades dos professores de ciências do ensino fundamental no trabalho de orientação sexual na escola	22 professores de Ciências do ensino fundamental de escolas públicas de Porteirinha -MG	Questionário	Temas que os professores tem mais dificuldade em abordar: homossexualidade (50%), nenhum tema (27%), preconceito/tabus (18%) masturbação (18%); dificuldades para abordar os temas relacionados à ES: falta de material didático (68%), incompreensão dos pais (55%), existência de preconceitos (41%), questões religiosas (36%).

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
SOUZA, M.M.; DEL-RIOS, N.H.A.; MUNARI, D.B.; WEIRICH, C.F 2008	Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia-Go	Verificar o conhecimento dos professores sobre educação sexual e prevenção de DST, e identificar o nível de dificuldade dos mesmos ao lidar com esse tema no ambiente escolar	28 professores do ensino fundamental e médio de uma escola pública de Goiânia/GO, sendo 24 na área das ciências humanas, 3 na área das ciências exatas e 1 na área das ciências biológicas	Questionário	93% se sentem incapacitados e inseguros para abordar o assunto; 62% dos professores nunca realizaram nenhum trabalho educativo sobre o tema com os alunos adolescentes; apontam como temas de maior interesse para trabalhar em sala de aula: sexualidade (35,71%), prevenção de DSTs (25,85%) e gravidez não planejada (17,75%)
BARRETO, M.I 2009	Educação Sexual - fácil ou difícil na ótica de professores de ciências do município de Aracaju?	Identificar os temas relativos à sexualidade considerados fáceis ou difíceis de serem trabalhados em sala de aula	9 professores de Ciências do 8º ano e participam do programa "Horas de Estudo" da Secretaria Municipal de Aracaju do município de Aracaju- SE	Questionário	Considerados temas mais fáceis de serem trabalhados: menstruação, namoro, DST/AIDS, métodos contraceptivos, sistemas reprodutores, gravidez na adolescência; considerados temas mais difíceis de serem trabalhados: homossexualidade e abuso sexual; 2 professores consideraram o tema relações sexuais como o mais difícil; o único tema citado que não deveria ser abordado foi a homossexualidade

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
REIS, E.F.A. 2009	Escola e sexualidades: diferentes concepções/muitos desafios	Identificar os principais desafios enfrentados pelos professores no trabalho de educação sexual no âmbito escolar e quais são as expectativas e interesses dos adolescentes em relação à sexualidade	15 professores do ensino fundamental II e 19 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Juiz de Fora - MG	Observação livre, questionários e entrevistas coletivas	67% dos professores não receberam educação sexual na escola, destes 66% declararam que se sentiam à vontade para tratar de sexualidade e 40% declararam que não conseguiam desenvolver o trabalho de educação sexual; 18% consideram que informações sobre DSTs/Aids e métodos contraceptivos deveriam ser trabalhados no ambiente escolar; Maiores desafios para desenvolver o trabalho de educação sexual: famílias ausentes (21%), insegurança dos professores diante das perguntas dos alunos (20%), despreparo dos professores (16%), influência da religião (11%). Maiores dificuldades: despreparo e insegurança dos professores (33%), dificuldade em relacionar o tema com a matéria dada (23%), falta de profissional qualificado (10%) e questões religiosas (10%).
SCHNORR, S.M.; BRIZOLA, R.M.R.; GIL, R.L. 2010	Sexualidade: a visão dos professores de biologia de uma escola de ensino médio	Apresentar as diversas visões dos professores sobre educação sexual, demonstrar a dificuldade em trabalhá-la e o desconhecimento de alunos e professores sobre o tema e seus respectivos conhecimentos	Professores de Ciências Biológicas de uma escola pública de ensino médio	Questionários abertos	Consideram importante abordar o assunto porém só o fazem quando perguntados; os assuntos mais discutidos foram gravidez, métodos contraceptivos e opção sexual; relatam que não há dificuldade em falar sobre o assunto

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
CARPILOVSK Y, C.K.; TEMP, D.S.; COSTABEBE R, I.; SOARES, F.A.A.; ARRIAL, J.; TRELLES, K.B. 2010	Educação fundamental: ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública.	Apontar as dúvidas referentes à abordagem em sala de aula do tema, Educação Sexual, entre professores do Ensino Fundamental, principalmente nas séries finais de uma escola pública em Santa Maria, RS.	35 professores de uma escola pública de Ensino Fundamental, localizada no município de Santa Maria, RS.	Questionário aberto	71% dos professores sentem-se despreparada para trabalhar a educação sexual; apenas 2,8% dos professores responderam que já receberam algum tipo de orientação sobre como tratar sexualidade em sala de aula; 100% dos professores acreditam ser necessário e urgente receber um treinamento sobre o tema orientação sexual na escola.
HOLANDA, M.L.; FROTA, M.A.; MACHADO, M.F.A.S.; VIEIRA, N.F.C 2010	O papel do professor na educação sexual de adolescentes.	Conhecer a percepção do professor como educador de adolescentes em relação a sexo/sexualidade	11 professores de alunos na faixa etária compreendida entre 10 a 18 anos no turno da manhã e/ou tarde, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no Município de Fortaleza/CE.	Entrevista semiestruturada	Dificuldades relatadas envolvem falta de material didático, falta de formação adequada e a reação dos pais diante da educação sexual na escola.
SOUZA, R.A 2011	Educação sexual na visão dos professores indígenas do ensino fundamental em uma escola de Dourados	Verificar a percepção e atitudes em relação à educação sexual entre professores do ensino fundamental de uma escola rural do município de Dourados - MS	12 professores que atuam diretamente no ensino do 6º ao 9º ano de uma escola municipal rural de Dourados - MS	Questionário individual	66,64% consideram importante trabalhar a educação sexual como tema transversal e 58,31% com auxílio de profissionais da área da saúde; 58,31% trabalha ou já trabalhou esse tema em suas aulas e destes, metade têm dificuldade em abordar o tema, sendo uma das dificuldades encontrada está relacionada com a pouca aceitação dos pais; consideram itens importantes para serem abordados: 83,30% mudanças físicas e corporais na adolescência, 66,64% DSTs e AIDS, 58,31% métodos contraceptivos.

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
RUFINO, C.B.; PIRES, L.M.; OLIVEIRA, P.C.; SOUZA, S.M.B.; SOUZA, M.M. 2013	Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino	Verificar a prática pedagógica em educação sexual de professores de instituições da rede básica de ensino, bem como conhecer as dificuldades na temática e necessidades de capacitação.	29 professores que trabalham exclusivamente no ensino médio, de 3 instituições da rede básica de ensino da rede estadual, localizadas na região leste do município de Goiânia- GO	Questionário semi-estruturado	Quase a totalidade tem dificuldade em trabalhar a temática (89%) e necessitam se capacitar (93%). Conteúdos sobre sexualidade não constavam nos Projetos Políticos Pedagógicos (76%) e a disciplina biologia apontada para o ensino da temática (55%), realidade que contradiz os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se pauta pela transversalidade. Há necessidade de parcerias entre a saúde, especialmente a Estratégia Saúde da Família (ESF), e a educação, como a Instituição de Ensino Superior, como suporte didático-pedagógico aos professores da rede básica de ensino para o trabalho em sexualidade.
NOVAK, E 2013	Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar a educação sexual nas escolas	Analisar quais as dificuldades que os professores de ciências enfrentam ao discutir a sexualidade com adolescentes, bem como expressar a opinião dos alunos perante a liberdade de falar sobre sexualidade	5 professores de diversas turmas e períodos letivos e alunos de umas das turmas de 8º ano do período matutino.	Reunião/discussão e aplicação de questionário para os professores e questionário para os alunos	As dificuldades dos professores referem-se à falta de material didático, as conversas paralelas dos alunos que geram discussões com os demais alunos, e a não aceitação dos pais que acreditam que ainda não é o momento ideal para os filhos saberem sobre sexualidade.
BARBOSA, R.L. 2014	Dificuldades e facilidades do ensino de sexualidade: o que pensam os professores de Ciências Naturais.	Identificar as dificuldades e facilidades que professores de Ciências Naturais do Ensino Fundamental das escolas de Planaltina-DF possuem no que se refere à mediação da temática sexualidade no ambiente escolar.	04 professores de Ciências Naturais de escolas de nível fundamental em Planaltina-DF.	Entrevista semi-estruturada.	Professores relataram apresentar dificuldades na mediação da temática devido a diversidade dos alunos em sala de aula e o constrangimento tanto de alunos como de professores durante as aulas. Já como facilidades na mediação da educação sexual, os professores relataram a boa formação acadêmica que tiveram e a participação dos alunos, que expressam suas dúvidas durante as aulas.

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS COLETA DE DADOS	RESULTADOS
MENEGETTI, V.; DREYER, L.C.; CAVALHEIRO, R.L.O.; MOURA, C.B. 2015	Ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual	Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores do 5º ano com maior/menor tempo de experiência e com/sem formação em educação sexual, ao longo de sua prática pedagógica nessa temática	82 professores de escolas municipais de Foz do Iguaçu	Questionário semiestruturado	Os resultados demonstraram que as dificuldades relatadas pelos professores na abordagem dessa temática são semelhantes entre os grupos, que apontaram como maior desafio as famílias ausentes ou muito permissivas quanto à sexualidade, e como assuntos mais difíceis de serem abordados, a homossexualidade, a masturbação e a violência sexual
ZOCCA, A.R. 2015	A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores	Compreender o que os gestores escolares estendem por educação sexual no âmbito escolar e identificar os desafios e entraves que os impedem de realizar trabalhos com educação sexual	12 gestores (diretores) de 10 escolas municipais de ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e 2 escolas de ensino fundamental II (6º ao 9º ano) de um município da região Oeste do estado de São Paulo	Roteiro de perguntas.	Gestores têm uma visão de sexualidade e educação sexual associada aos aspectos biológicos e fisiológicos (saúde, prevenção, doenças e gravidez precoce) e como senso comum (sem embasamento científico e teórico). Dificuldades de implementação da ES: falta de profissional especializado; família, a religião e o preconceito. Ressaltam a necessidade de capacitação do professor, mas que a iniciativa deveria partir dos órgãos governamentais, pois apesar dos PCNs orientarem o trabalho do professor, sentem falta de políticas públicas efetivas.

9.2 Termo De Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Projeto: DIFICULDADES RELATADAS POR PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Pesquisadores responsável e colaboradora:

Prof. Dra. Cynthia Borges de Moura (45) 3576-8137
Vanize Meneghetti (45) 9924-9081

Convidamos você a participar da nossa pesquisa que tem o objetivo de realizar um levantamento sobre um levantamento a respeito das percepções e ações dos professores do 5º ano do Ensino Fundamental I de escolas municipais de Foz do Iguaçu frente à educação sexual, buscando identificar as atitudes e as dificuldades relatadas pelos professores na implementação das ações de educação sexual na escola.

A participação na pesquisa pode causar algum constrangimento em relação à auto-exposição que o tema envolve. Por esse motivo, garante-se ao participante o sigilo das informações. Os que se recusarem a participar não sofrerão nenhum tipo de prejuízo, pois essa informação não será divulgada. Os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento.

A sua participação na pesquisa é de suma importância para conseguirmos identificar as ações e as dificuldades dos educadores na implementação de ações de educação sexual no 5º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a produção de conhecimento relevante às ações posteriores de implantação ou aprimoramento das ações relativas à educação sexual.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter meus direitos de:

- 1) Receber cópia deste termo, assim como, resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
- 2) Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo às minhas atividades profissionais;
- 3) Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade;
- 4) Saber que não receberei pagamento e não terei que pagar pela minha participação na pesquisa;
- 5) Procurar esclarecimentos com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste - CEP, através do telefone (45) 3220-3272, em caso de dúvida ou notificação de acontecimentos não previstos.

Declaro estar ciente do exposto e expresso meu consentimento em participar da pesquisa acima citada, assinando o presente termo.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 2015.

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

9.3 Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo

TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

Título do projeto: Dificuldades de professores do ensino público na implementação de ações de educação sexual com crianças

Pesquisadores: Profa. Dra. Cynthia Borges de Moura (45) 3576-8137
Laysa Cristina Dreyer (49) 9116-0789
Rhaysa Raphaela de Moraes Rocha (45) 9923-7962
Sara Raquel Wingert (45) 9994-8032
Vanize Meneghetti (45) 9924-9081

Local da pesquisa: Escolas Municipais do Município de Foz do Iguaçu

Responsável pelo local de realização da pesquisa: Secretária de Educação Shirlei Ormenese de Carvalho

O(s) pesquisador(es) acima identificado(s) estão autorizados a realizarem a pesquisa e coletar dados, preservando as informações referentes aos sujeitos de pesquisa, divulgando-as exclusivamente para fins científicos apenas anonimamente, respeitando todas as normas da Resolução 196/96 e suas complementares.

Foz do Iguaçu, 25 de 02 de 20 14 .


Nome(s) e assinatura(s) do(s) responsável pelo campo da pesquisa

Shirlei Ormenese de Carvalho
Secretária Municipal da Educação
Portaria nº 51.676

9.4 Questionário de coleta de dados sobre educação sexual

1- Sexo:

a) Feminino

b) Masculino

2- Idade _____ anos

3- Titulação acadêmica: _____

4- Há quantos anos leciona? _____

5- Há quantos anos leciona no 5º ano? _____

6- A educação sexual foi abordada como conteúdo na sua graduação?

1) Sim

2) Não

7- Você realizou alguma formação/capacitação em educação sexual?

1) Sim

2) Não

8- Você considera que a informação que você tem sobre sexualidade, para ministrar/orientar seus alunos é (assinale):

1	2	3	4	5
Pouca	Razoável	Suficiente	Boa	Completa

9- Na sua opinião, em qual ano a educação sexual deveria começar?

() Não deveria haver educação sexual nas escolas

10- Assinale o número que mais corresponde ao seu posicionamento em relação às afirmações abaixo. As respostas podem ir de 1 (Não acredito) até 5 (Acredito muito):

	<i>Não acredito</i>			<i>Acredito muito</i>	
1. A educação sexual na escola permite aos alunos tomar decisões e escolher os seus valores sobre a sua vida amorosa e sexual;	1	2	3	4	5
2. A educação sexual na escola proporciona aos alunos o conhecimento para evitar comportamentos de risco associados à atividade sexual;	1	2	3	4	5
3. A educação sexual na escola produz mudanças comportamentais nos alunos em relação à sua saúde sexual e reprodutiva;	1	2	3	4	5
4. A educação sexual na escola motiva comportamentos sexuais precoces nos alunos.	1	2	3	4	5

11- Assinale com que frequência realiza as seguintes atividades. As respostas podem ir de 1 (Raramente) até 5 (Sempre):

	Raramente			Sempre	
1. Faço educação sexual porque faz parte dos conteúdos programáticos da minha disciplina;	1	2	3	4	5
2. Utilizo estratégias ativas, especialmente assistir filmes, leitura de textos, dramatizações, para ensinar conteúdos de educação sexual;	1	2	3	4	5
3. Escolho fatos reais para falar com os meus alunos sobre sexualidade;	1	2	3	4	5
4. Leio livros, revistas, com o objetivo de aumentar o meu conhecimento sobre sexualidade;	1	2	3	4	5
5. Distribuo folhetos informativos sobre sexualidade para meus alunos;	1	2	3	4	5
6. Mostro aos meus alunos livros e revistas que falam sobre sexualidade;	1	2	3	4	5
7. Convido especialistas para falarem sobre educação sexual com os meus alunos;	1	2	3	4	5
8. Nas minhas aulas, fala-se de tudo, de todos os temas que os meus alunos mostram curiosidade sobre sexualidade;	1	2	3	4	5
9. Procuro fazer com que os meus alunos vejam a sexualidade como uma coisa natural, como uma dimensão das suas vidas.	1	2	3	4	5

12- Para cada sentença a abaixo, marque o grau de importância que você atribui aos assuntos apresentados, o quanto você se sente capaz de abordá-los e o número correspondente ao seu grau de conforto/desconforto para falar sobre eles, conforme as escalas abaixo:

Importância (IMP)	Nenhuma Importância				Muita Importância
	1	2	3	4	5

Capacidade (CAP)	Nada Capaz				Muito Capaz
	1	2	3	4	5

Conforto/Desconforto (C/D)	Muito Desconfortável				Muito Confortável
	1	2	3	4	5

	IMP	CAP	C/D
Transformações corporais na puberdade			
Corpo masculino			
Corpo feminino			
Ejaculação			
Ciclo menstrual			
Relações sexuais			
Concepção e gravidez			
Aborto			
Métodos contraceptivos			
Doenças sexualmente transmissíveis/AIDS			
A primeira relação sexual			
Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo			
Gravidez na adolescência			
Sexo oral			
Sexo anal			
Masturbação			
Prazer sexual e orgasmo			
Abuso sexual e prostituição adolescente			
Homossexualidade			
Comportamentos sexuais de risco			

Decisões responsáveis quanto à sexualidade			
Abstinência sexual			
Pornografia			

13- Na sua opinião, quais os desafios enfrentados pelos professores na implementação das ações de educação sexual no 5º ano do Ensino Fundamental I? (Se necessário, marque mais de uma alternativa):

O despreparo dos professores para abordar o assunto;

Falta de material adequado para abordar o tema;

Insegurança dos professores diante da reação e dos questionamentos dos alunos;

Falta de incentivo da escola para abordar o assunto;

Falta de interesse dos alunos;

Imaturidade dos alunos;

A rejeição das famílias quanto a abordagem do assunto em sala de aula;

Falta de tempo para abordar o assunto;

Influência das convicções religiosas dos alunos;

Outro. Especificar:

Muito obrigada pela colaboração ao responder este questionário.

Vanize Meneghetti

Enfermeira

Mestranda no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ensino (PPGEEn) - Universidade estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Foz do Iguaçu

10. ANEXOS

10.1 Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - CEP/Unioeste

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dificuldades de professores do ensino público na implementação de ações de educação sexual com crianças.

Pesquisador: Cynthia Borges de Moura

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 22809513.7.0000.0107

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde CCBS - UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 618.706

Data da Relatoria: 31/03/2014

Apresentação do Projeto:

Em conformidade com o requerido pela Plataforma

Objetivo da Pesquisa:

Presente e adequado ao proposto

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Presente e de acordo

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Importante para a área

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Após as solicitações e inserções, estão de acordo

Recomendações:

Sem novas recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem novas pendências

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR **Município:** CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.pppg@unioeste.br